

CAROLINA ALVARENGA DE CARVALHO

**VOCÊ NÃO PODE ME IGNORAR, EU ESTOU AQUI!
NARRANDO COM OS COTIDIANOS
DE UMA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

C331v
2018
Carvalho, Carolina Alvarenga de, 1989-
Você não pode me ignorar, eu estou aqui! Narrando com os
cotidianos de uma escola / Carolina Alvarenga de Carvalho. –
Viçosa, MG, 2018.
ix, 71 f. : il. ; 29 cm.

Orientador: Heloisa Raimunda Herneck.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 68-71.

1. Ambiente escolar. 2. Crianças - Identidade. 3. Diferenças
individuais em crianças. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação. II. Título.

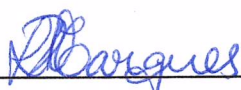
CDD 22. ed. 371.244

CAROLINA ALVARENGA DE CARVALHO

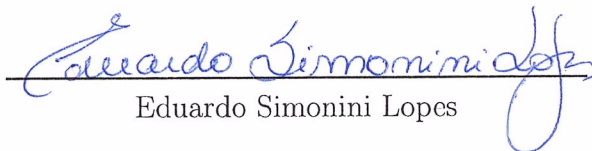
**VOCÊ NÃO PODE ME IGNORAR, EU ESTOU AQUI!
NARRANDO COM OS COTIDIANOS DE UMA
ESCOLA.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 29 de outubro de 2018.



Luciana Pacheco Marques



Eduardo Simonini Lopes



Heloísa Raimunda Herneck
Orientadora

*Este trabalho é dedicado a todos os alunos e as alunas,
que me provocam incômodos e por isto não me deixam acomodar.*

Agradecimentos

Em cada objetivo que se deseja vem também as voltas que a vida dá. É preciso agradecer então aos que participaram das voltas e reviravoltas durante este percurso.

Aos meus pais, Márcia e Edson agradeço por resistirem mais uma vez à minha ausência. Não foi fácil ver novamente a casa vazia. Obrigada pelas palavras de incentivo para que eu seguisse, ainda que o que mais desejasse era o meu retorno.

Ao meu marido Alexandre pela paciência e incentivo! Além claro do suporte técnico, foram muitas interrupções do seu trabalho para me socorrer.

Não planejei casar e também não planejei gerar uma vida ao final deste percurso. E antes do seu nascimento já agradeço ao meu filho Antônio por ser a inspiração decisiva para concluir esta etapa.

Agradeço aos meus irmãos por me tornarem mais resiliente! Seguimos crescendo juntos ainda que estejamos adultos.

Minha orientadora Heloísa Herneck, meu muito obrigada. Aprendi muito com você e aprendi a admirar o ser humano sensível que você é. Obrigada sobretudo pela confiança e paciência.

A Universidade Federal de Viçosa por ser mais uma vez a instituição que me acolheu. Ainda lembro do meu primeiro dia de aula da graduação e todos os momentos bons que vivi aqui. E a Viçosa que sempre trouxe boas novas para minha vida!

Agradeço a todos os professores que de alguma forma contribuíram para que eu conseguisse concluir o mestrado.

E por último e imensamente importante, meu muito obrigada a todas e todos colegas de trabalho e alunas e alunos que já cruzaram o meu caminho. Todos os dias aprendo e ensino com vocês!

A Escola Estadual Doutor Raimundo Alves Torres por permitir minha pesquisa. Um agradecimento especial ao “entre amigos” por me acolherem aqui nesta escola. Vocês foram fundamentais para que eu criasse laços e afetos por aqui!

A cada um que torceu por mim, muito obrigada!

*O saber se aprende com os mestres.
A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.
(Cora Coralina)*

Lista de ilustrações

Figura 1 – Entrada da escola	13
Figura 2 – Corredor.	14
Figura 3 – Sala dos professores.	15
Figura 4 – Entre as grades da escola.	15
Figura 5 – O sofá vermelho.	38

Lista de abreviaturas e siglas

LC 100	Lei Complementar 100
MG	Minas Gerais
SRE	Superintendência Regional de Ensino
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UnB	Universidade de Brasília

Resumo

CARVALHO, Carolina Alvarenga, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2018. **Você não pode me ignorar, eu estou aqui! Narrando com os cotidianos de uma escola.** Orientadora: Heloísa Raimunda Herneck.

Esta pesquisa teve como objetivo seguir as produções identitárias, o diferente no cotidiano escolar e também a possível emergência da diferença no contexto de uma turma de nono do ensino fundamental. Dessa forma acompanhei os cotidianos, em minhas próprias aulas, nesta turma em uma escola pública do município de Viçosa - MG durante quatro meses. Atentando para as relações estabelecidas entre as produções identitárias perante a normatividade escolar, apresentando a potência da criatividade do ser humano para produzir resistências e criar outras formas de agir e existir. Os registros destes cotidianos foram feitos com um gravador e também em caderno de notas. Por ser uma pesquisa em minhas próprias turmas também possibilitou auto reflexões acerca dos incômodos e impactos das relações produzidas nesta sala em mim, enquanto pessoa e professora. No primeiro capítulo explico a opção pelas narrativas em formato de cartas. No segundo capítulo escrevo sobre os motivos da escolha deste tema, a opção por fazer pesquisa da própria prática, descrevo os procedimentos metodológicos da pesquisa com o cotidiano, as características desta escola, da turma em questão, indicando que em uma pesquisa com o cotidiano todos os tempos e espaços possíveis fazem parte da pesquisa, assim como todos os praticantes dos cotidianos desta instituição. No terceiro capítulo narro acontecimentos que remetem o diferente no espaço escolar, discuto os movimentos de resistência como forma de criar modos de escapar as normatividades escolares. Narro a emergência da diferença como um movimento sem lei que me deixou sem resposta. O terceiro capítulo traz as normas criadas pelos próprios estudantes, narrando cenas que demonstram que a criação de padrões não é apenas institucional, imposta do maior ao menor, mas que temos naturalizados em nós a necessidade de padronizar, classificar e hierarquizar as pessoas. No quarto capítulo narro situações em que as políticas públicas influenciam nos cotidianos escolares, denunciando as dificuldades criadas pela ausência de políticas públicas a longo prazo comprometidas com a educação pública de qualidade. No quinto e último capítulo encerro esta dissertação explicando a escolha pelo tipo de texto, os desafios de se fazer pesquisa com os cotidianos e da própria prática, e os afetamentos que esta pesquisa causou em mim. E concluo destacando que a relevância desta pesquisa consiste em convidar para uma outra discussão sobre o diferente, que extrapole a lógica da aceitação e da normalização dos indivíduos.

Abstract

CARVALHO, Carolina Alvarenga, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, October, 2018. **You cannot ignore me, I am here! Narrating with the daily life of a school.** Adviser: Heloísa Raimunda Herneck.

This research aims to follow the identity production, the different in the daily school life, as well the possible emergence of the difference in the context of a ninth grade class of elementary school, during my own classes, in a public school in the municipality of Viçosa - MG. In such a context this research observed the relationships established by the productions of identity through the school normativity, highlighting the creativity power of the human beings to produce resistance and to create other ways of acting and existing. Once the research was done in my own classes, I was able to perform self-reflections about the annoyances and impacts of the relations produced by this room in me as a person and teacher. In the first chapter of this dissertation, I write about the reasons for choosing this topic, and why to do research on my own practices. In the first chapter of this dissertation, I write about the reasons for choosing this topic, and why to do research on my own practices. Then, I describe the methodological procedures focusing on the daily subjects and on the characteristics of the school and the classroom observed. It is worthy mentioning that all possible times and spaces are part of the research, as well everyone who are practitioners of the daily life of this institution. In the second chapter I narrate events that refer to the different in the school space, discussing resistance movements as a way to create ways to escape school normativities. I also narrate the emergence of difference as a lawless movement that surprised me and left me unanswered. In the sequel, I also bring the norms created by the students themselves, narrating scenes that demonstrate that the creation of standards is not only institutional, imposed from the greatest to the least, but that we have naturalized in us the need to standardize, classify and hierarchize people. In the third chapter, I narrate situations in which public policies influence school daily life, denouncing the difficulties created by the absence of long-term public policies, which are directly committed with the quality public education. In the fourth and last chapter I close this dissertation explaining the choice by the type of text, the challenges of doing research with the daily and on my own practices, and the affections caused by this research on me.

Sumário

1	Escrevendo com todos os sentidos	1
2	Desenhos dessa experiência	3
2.1	Aceita participar desta pesquisa?	3
2.2	Aceito, mas preciso saber mais.	10
2.3	Detalhando os caminhos	12
2.4	Como isso tudo vai virar pesquisa?	17
2.5	Pesquisando com o cotidiano	18
2.6	Acho que entendi	20
3	Narrando cotidianos de uma escola	22
3.1	O diferente e a diferença	22
3.2	Refletindo sobre o novo	24
3.3	Acontecimentos: fiquei sem resposta	25
3.4	Esses meninos são muito espertos	30
3.5	A diferença não é classificável	31
3.6	Experimentando os cotidianos: aprendendo juntos	34
3.7	Quando aprendi na experiência o que é prática-teoria-prática, uma visão institucional em relação ao diferente	35
3.8	Desafios e conquistas da escola perante a diferença	39
3.9	O diferente me interessa	41
3.10	Os acontecimentos escapam do nosso controle	47
4	Equilibrando na corda bamba	49
4.1	Por falar em corda bamba: já vem mais mudanças	51
4.2	Nervos a flor da pele: incertezas de um ano atípico	53
4.3	Equilibristas profissionais: vários objetivos e um só plano	55
4.4	Pensando possibilidades: treinando o equilíbrio	57
4.5	As vezes caímos da corda	58
4.6	O encerramento de um ciclo nunca é o fim	61
5	Aprendendo a me equilibrar	62
	Referências	68

1 Escrevendo com todos os sentidos

A você que se propôs a ler esta dissertação preciso primeiro explicar as razões que me levaram a escrever este texto em narrativas, em forma de correspondências entre amigos.

Falar da minha trajetória, das minhas práticas e experiências enquanto professora e pesquisadora gerou uma grande ansiedade em mim. Pensava o tempo todo como poderia escrever em forma dissertativa, de modo impessoal em terceira pessoa sobre o que se passou comigo e com aqueles que convivi durante todo esse tempo.

Depois de tentar diversas vezes e não gostar do que estava lendo decidi escrever em narrativas, trocando correspondências com um amigo imaginário, um colega de profissão que entenderia e poderia conversar na mesma linguagem. Esse amigo imaginário significa um diálogo interior, ponderando as experiências e aprendendo com elas. É importante destacar também que quando me coloco na posição do amigo para escrever, ainda estou em Timóteo, pensando e relembando as experiências que vivi lá. Ao longo da dissertação explico minha ligação com a escola que deixei ao mudar de cidade para cursar o mestrado e minha dificuldade em criar laços na nova escola.

As relações interpessoais não têm padrão, não consegui enxergar modo de padronizar esses cotidianos. Qual interesse haveria nisso? Uma escola, sem emoção, sem cor, sem barulho, sem interrupções, descontinuidades, sem problemas,

Garcia (1995) é um exemplo da escrita acadêmica em formato de cartas. A autora escreve cartas aos seus companheiros do grupo de estudos, estas narrativas foram a saída encontrada por ela para encarar o desafio de escrever uma tese para o concurso para professora titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Garcia (1995) que estava em Londres fazendo seu pós-doutorado e foi surpreendida com esta possibilidade que há muito tempo almejava. Dividida entre seu momento em Londres e a oportunidade do concurso encontrou uma solução escrevendo as cartas e construindo sua tese. “Fragmentos - no dizer de Lévi-Strauss, bricolagem teórica-, que pacientemente costurei, tentando lhes dar sentido para que pudessem transformar-se numa tese Histórias contadas, histórias vividas, histórias criadas, por mim e por outros, histórias que pretendia recontar por meio de cartas a meu grupo de pesquisa, eu em Londres, elas e ele reunidos em nossa sala de reuniões das sextas-feiras na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense”.

sem conflitos, sem superação, sem reinvenção? Não consegui escrever uma linha sequer na normatividade acadêmica.

Encontrei por meio das cartas uma forma íntima e mais leve para a escrita. Lá na minha escola costumamos dizer que a escola é um roda viva!

Escrevo também e principalmente para eles, nós que vivemos a escola. Meu amigo imaginário das cartas pode ser qualquer professora ou professor que compartilhe experiências como estas.

Escrevo especialmente para meus colegas de profissão, que solitariamente entram em suas salas de aula diariamente e doam o melhor de si. Mesmo sentindo que esse melhor não é suficiente, mesmo não se sentindo reconhecidos, mesmo estando com os salários atrasados e cheios de dívidas e juros para pagar. Vocês que com toda dignidade e força não deixam a escola pública morrer.

Por isso caros leitores, escolhi as cartas na tentativa de trazer para estas narrativas a maior verossimilhança possível, contando os cotidianos desta escola e discutindo o diferente e me surpreendendo com os acontecimentos e manifestações da diferença.

Espero que façam uma boa leitura e que consigam se sentir bem próximos destes cotidianos!

Além das Cartas Londrinas, posso falar da inspiração que recebi da Carta aos professores escrita por Freire (2001) e também do clássico da literatura Frankenstein de Shelley (1818).

2 Desenhos dessa experiência

2.1 Aceita participar desta pesquisa?

Meu caro amigo, quanta saudade tenho sentido de nossas conversas. Por aqui estou bastante angustiada com questões da escola e também da minha pesquisa. E você como está? Como estão as coisas na escola? A família está bem? Espero sinceramente que esteja tudo bem aí.

Escrevo para contar meus pensamentos recentes sobre a nossa profissão docente e também falar um pouco o que tenho pesquisado. Você é um ótimo conselheiro, sempre me ajudou a refletir, sinto saudade. Para compensar a distância resolvi lhe escrever, aliás sou bem melhor para escrever do que falar, quando o assunto é o que tenho sentido.

Acho até que conseguirei transpor melhor minhas experiências de pesquisa e de docência nestas cartas, do que escrevendo em terceira pessoa para minha dissertação, como sugere o formalismo científico, e suas recomendações sobre o distanciamento do pesquisador, para não influenciar a pesquisa. Por várias vezes paro e fico pensando, serei capaz de não expressar o que experimentei? Por que não falar como esta pesquisa tem alterado minha maneira de ser professora? Estou bastante angustiada sobre como não poderei colocar isso tudo no papel. O que pensa sobre isto?

Vou lhe explicar o que tenho feito em minha pesquisa, desde o início, quando essa

Alves (2010, p.73) coloca em discussão a necessidade de superar as pesquisas cuja modernidade determina o distanciamento científico: “Por nossa condição humana, ligamo-nos aos que fazemos de forma racional, mas também pelos sentimentos. E nossos ‘achados’ - nossos dados, nossas análises, nossas descobertas, os ‘acontecimentos’ que vamos registrando e buscando entender, o que é dito/lembrado por aqueles com quem falamos, etc. - têm um significado que transcende nossas condições de racionalidade em ciência.

Animada por esta discussão, encorajada pelos meus mestres e apoiada pelos meus pares resolvi me lançar nesta pesquisa nada impessoal. E mais uma vez uso dos escritos de (ALVES, 2010, p.79) para definir como escrever esta dissertação: “Essa relação com os praticantes e suas redes, em movimento a que chamamos há algum tempo de mergulho no cotidiano (Oliveira e Alves, 2001), exige disponibilidade total, sem a ‘distância científica’ aprendida por ser ela impossível nessas pesquisas. A proximidade é uma exigência.”

ainda era um pré-projeto. Para que a sua leitura não seja muito demorada e exaustiva, dividirei esta experiência em algumas correspondências. Dessa forma você também poderá me responder e ajudar a construir e refletir os passos dessa caminhada.

Aqui vou explicar os caminhos que segui até chegar à Viçosa, ao mestrado, à escola que atuo e que é onde faço pesquisa. Para que você entenda o que fiz vou explicar com detalhes como fiz a pesquisa, algumas mudanças de percurso e decisões que tomei. Caso não entenda alguma situação pergunte-me, preciso desses questionamentos para conseguir ser mais genuína ao transpor para a escrita a experiência que vivi. Aguardarei sua resposta para saber se consegui explicar a construção do processo da minha pesquisa.

Desejo ainda discutir com você sobre ser professor atualmente, as mudanças que a escola tem passado e como isso tem afetado a mim como professora de Geografia. E por último contarei algumas cenas que me deslocaram, me tiraram do eixo, me deixaram sem reação nesta experiência de pesquisa.

Aceita me ajudar em mais esta? Então vamos ao que interessa!

Como você sabe muito bem meu interesse pelo diferente existe desde o tempo que trabalhamos juntos. Mas preciso lhe contar que esse interesse foi despertado antes. Não sei dizer exatamente quando, mas me lembro com bastante clareza como a dificuldade do meu irmão marcou minha infância.

Poucas pessoas sabem, mas no início da sua vida escolar meu irmão passou por diversas dificuldades de aprendizagem. Ele sempre se en-

rolava em problemas disciplinares, brigava com as professoras, brigava com os colegas, não queria ir a escola, suas notas não eram as melhores, sua dificuldade em escrever corretamente era evidente e incomodava muito minha mãe.

Ela estava sempre presente e atenta à escola, e percebia a dificuldade do meu irmão. Em busca de soluções, estava regularmente na escola para saber o que acontecia e o que poderia ser feito.

Em uma dessas visitas, ela teve uma conversa muito dura com a então supervisora da escola em que ele estudava. A supervisora disse à minha mãe que meu irmão não aprendia. Que já haviam tentado de tudo, mas ele deveria ter algum problema.

Inconformada com essa situação, ela resolveu mudá-lo de escola e o fez repetir a série que cursava. Mas para além disso, ela foi atrás do que ela acreditava ser a melhor solução e procurou diversos acompanhamentos pedagógicos e médicos para ele. Problema superado, apesar dele não ser o melhor amigo da língua portuguesa, meu irmão obteve o tão esperado sucesso escolar.

É justamente aí que está meu interesse, quando vi minha mãe não desistir percebi que existe possibilidade, que tem jeito! Todas as vezes que entro em uma sala de aula penso, tem jeito! Não posso desistir. Mas hoje acredito que a medicalização, ou seja a busca pela normalização, não é a única alternativa.

Quando cheguei na escola em Timóteo-MG, recém formada, me preocupava muito em me preparar e conseguir ensinar todos. Quando não conseguia que alguém entendesse, ficava pensando em estratégias, em outras maneiras

Foucault (2017) discute sobre a relação de saber e poder, e afirma que a sociedade moderna desenvolveu dispositivos de controle dos comportamentos a partir da regulação do que se fala e do que se faz. Esta regulação só foi possível portanto, a partir do saber. O poder está sempre articulado com o que se sabe. Sabendo mais o poder cria classificações do que é normal e o que é patológico para em seguida controlar. Este controle não acontece apenas por disciplinamento por parte de instituições mas também pelo ordenamento do discurso. Há um controle do que se diz e de quem diz, quem pode dizer sobre aqueles anormais é apenas quem o interpreta, o médico, o psiquiatra.

de ensinar. Sempre pensando na história de superação do meu irmão, me cobrava muito dizendo para mim: eu não posso desistir deles, tem jeito!

Muitas vezes me sentia despreparada para atender as diversas demandas de tantos estudantes. Uma sensação de despreparo e incapacidade tomou conta de mim e me incentivou a estudar mais e pesquisar a deficiência e a inclusão escolar.

Você deve se recordar das nossas conversas e do meu percurso como estudante. Em 2012 terminei a licenciatura em Geografia aqui na UFV, comecei a trabalhar com você aí em Timóteo e fevereiro de 2013 como contratada e logo em seguida fui nomeada em abril de 2013. Neste mesmo ano a escola recebeu a Sala de Recursos Multifuncionais, foi então que recebemos vários alunos com diversas deficiências.

Foi então que senti a necessidade de continuar estudando, em 2014 comecei o curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Inclusiva, oferecido pelo curso de Psicologia da Universidade de Brasília-UnB. Esta especialização foi o trampolim para ingressar no Mestrado em Educação, no Departamento de Educação aqui da Universidade Federal de Viçosa. Quando terminei a especialização em dezembro de 2015, já estava aguardando o resultado do processo de seleção do mestrado, fui aprovada e retornei a Viçosa.

Percebi durante a especialização que não há fórmulas e receitas para ensinar. Aprendi com as professoras que cada pessoa é singular e portanto não pode haver um único caminho. O que tentávamos era conhecer alguns caminhos que poderiam servir de inspiração para nossos desafios.

As Superintendências Regionais de Ensino -SREs são órgãos regionais que administram a educação estadual, segundo o site da Secretaria de Educação de Minas Gerais as SREs tem a finalidade de: exercer, em nível regional, as ações de supervisão técnica, orientação normativa, cooperação e de articulação e integração Estado e Município em consonância com as diretrizes e políticas educacionais (MINAS-GERAIS, 2008).

Tudo deu certo, tudo se encaixou e em 2016 terminei o estágio probatório do meu cargo de professora de Geografia da Educação Básica do estado de Minas Gerais. Enfim pude pedir minha remoção da cidade de Timóteo-MG para Viçosa-MG. Todos diziam que seria muito difícil conseguir, que as remoções para outras Superintendências eram muito raras de acontecer.

No entanto, no final do ano de 2015, a justiça considerou inconstitucional a efetivação dos servidores da educação pela Lei Complementar 100. Logo milhares de professoras e professores de Minas Gerais foram demitidos.

Lembra como foi difícil para nós ver o desespero dos colegas sem saber se teriam emprego no próximo ano? Volta e meia nós da educação sofremos com atitudes irresponsáveis, parece que vão aos poucos minando nossas escolas e nossa profissão. Precisamos nos reinventar sempre, adaptar e resistir. Mas cansa não é? Você tem a sensação de estar lutando com moinhos de vento?

Minha remoção foi publicada no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, em meio a todo o caos da inconstitucionalidade, transtornos e incertezas para tantos colegas, consegui vir para Viçosa-MG. Você já passou por uma situação semelhante? Estar feliz por si e não conseguir comemorar em solidariedade aos outros. Eu sabia que a remoção era um direito meu, enquanto professora efetiva, mas ao mesmo tempo sentia a tristeza da categoria que mais uma vez serviu de jogada política.

Com pesar em deixar minha escola, meus alunos os colegas de trabalho, mudei para Viçosa-MG cheia de vontade e empolgação. Como amo essa escola de Timóteo-MG. Sinto tanta saudade.

A LC 100, como ficou conhecida, tratou-se de um arranjo do governo do Estado de Minas Gerais que beneficiou cerca de 98.000 (noventa e oito mil) servidores, efetivando os servidores que estavam em exercício sem concurso público, mas que foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal no ano de 2014 (SOUZA, 2015).

Assevera ainda, em seu artigo 7º sobre a concessão de titularidade de cargos públicos efetivos a profissionais da área de educação que mantinham vínculo precário com a administração pública estadual há mais de cinco anos, sob a chancela de “designados”, passando a ser lotados no Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais. Sua exposição de motivos apresentou como justificativa a necessidade de se regularizar a situação previdenciária de milhares de profissionais contratados temporariamente, que inclusive pleiteavam benefícios de aposentadoria perante o Estado de Minas Gerais (SOUZA, 2015).

Pois bem, esta nova etapa me trouxe novos desafios, profissionais, acadêmicos e estudiantis. Mudanças costumam ser fáceis. A readaptação em Viçosa-MG, a territorialização em uma nova escola, e ainda a mudança na pesquisa, me trouxeram bastante dor de cabeça. Em acordo com minha orientadora percebemos que seria melhor mudar minha perspectiva de pesquisa. Antes pesquisava pessoas em situação de deficiência, agora pesquiso o diferente na escola. O diferente não se refere apenas as pessoas em situação de deficiência, mas a qualquer pessoa que não se encaixe nos padrões.

Um tema bastante atual considerando a democratização da escola, a partir da década de 1990. Você deve recordar deste período que ficou conhecido como a democratização do acesso à escola. Muita coisa mudou de lá pra cá, aquelas pessoas que antes nem sonhavam em se matricular em uma escola, foram incentivados a acessar e ver a escola como uma promissora forma de mudar sua condição social.

Você pode estar se questionando qual a relação da democratização do acesso escolar com o diferente. Eu explico, foi a partir deste processo que o perfil do estudante mudou. Ao democratizar a escola o público mudou, e diversificou. E é justamente isto que quero conversar com você, será que houve mudanças na escola com a entrada deste novo perfil de estudante? Ainda voltaremos nestas questões nas próximas cartas, mas antes gostaria que entendesse como aconteceu minha pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma em que leciono, durante minhas próprias aulas. Tinha dúvidas se conseguiria ser duas ao mesmo tempo. A medida que estudei sobre as pesquisas com os cotidianos percebi que não se tratava

A professora e pesquisadora Oliveira (2004) explica sobre essas reformas educacionais, a democratização da escola e também as mudanças para nós, docentes. Ela explica que as reformas educacionais da década de 1990 tiveram como eixo central a educação para equidade social. Ou seja, a escolarização se tornou uma forma de compensar as mazelas sociais, com o argumento de formar as pessoas para o mercado de trabalho visando conter a pobreza.

Bogdan e Biklen (1994, p.150) explicam o uso das notas de campo bem como sua relevância para o detalhamento da pesquisa: Ele ou ela dão uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.

de ser duas, mas ser uma professora aberta à experiência. Confesso que a princípio fiquei apreensiva com esta metodologia, mas depois acabei me convencendo que seria melhor refletir sobre minhas experiências com esta turma.

Escolhi uma das três turmas de nono ano do ensino fundamental em que leciono. Como você sabe, sempre fui melhor com os estudantes mais novos. Apesar de gostar do ensino médio, a meninada do fundamental sempre me enche de alegria. Ao decidir por esta turma, considerei o envolvimento dos alunos em minhas aulas. Eu queria escutá-los, e como esta é uma turma bastante falante e participativa, acabei escolhendo-os.

É uma turma grande com trinta e três alunos, falam bastante, questionam, dão sugestões, em geral são interessados em participar da aula mas tem alguns que não demonstram tanto interesse.

Para registrar minhas próprias aulas, e ter tempo de rever tudo, pensar, prestar atenção em situações que no momento não havia me dado conta, gravei minhas aulas durante um mês. Aqui nesta escola a carga horária da Geografia é de duas aulas semanais.

Além de gravar minhas aulas, tive um companheiro inseparável, o caderno de notas. Digo que era inseparável porque ele me acompanhou na sala de aula, na sala dos professores e também nas reuniões administrativas. Observei muitas coisas e anotei, algumas situações que ainda vou lhe contar.

O caderno de notas foi um valioso instrumento para esta pesquisa. Pois nele deixava registrado, ainda que apressadamente situações que me tocaram ou incomodaram, questões que

O gravador não capta a visão, os cheiros, as impressões e os comentários extra, ditos antes e depois da entrevista. As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimentos do projeto[...] (BOGDAN; BIKLEN, 1994, 151).

surgiram e que eu gostaria de conversar sobre com você.

Acho que escrevi demais, não vou me estender ainda mais, sei que o tempo das professoras e professores é corrido. Se puder e quiser me ajudar em mais esta ficarei muito feliz!

Abraços, Carolina Alvarenga.

2.2 Aceito, mas preciso saber mais.

Querida Carol, que satisfação imensa que senti quando recebi sua carta. Me sinto lisonjeado por ser escolhido para discutir sua pesquisa. Agradeço pela oportunidade de fazer parte desta história, apesar da distância. Por falar em distância, quando virá nos visitar? Aqui na escola sentimos sua falta, vários alunos perguntam por você. Aqui está tudo indo bem, a família está bem. Na escola temos várias mudanças, vários professores se aposentaram, outros mudaram de escola, a direção permanece a mesma. Os alunos vêm e vão, outros vão ficando um pouco mais. Mas essa é a nossa rotina, ver essa meninada crescendo, indo embora. Por falar em aluno, estou recordando o nosso debate sobre o significado da palavra aluno, lembra como ficamos surpresos quando descobrimos que a palavra aluno não significa sem luz?

E pelo visto teremos mais mudanças por aí, essa reforma do ensino médio tem preocupado muito. Não sabemos ao certo como vai acontecer, não temos nenhuma orientação oficial, mas indícios que vêm da Superintendência Regional sobre alteração de carga horária, exclusão de disciplinas, são tantas novidades. E por aí, vocês estão sabendo de algo mais?

A Reforma do Ensino Médio foi instituída pela conversão da Medida Provisória nº746 de 2016 na Lei nº 13.415, de fevereiro de 2017, alterando a Lei 9.394 de dezembro de 1996 (LDB) (BRASIL, 1996). Esta reforma modifica principalmente a carga horária do Ensino Médio, que passará progressivamente de 800 horas anuais para 1.400 horas anuais. Inclui a formação técnica e profissional ao ensino propedêutico, deste modo o currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e Itinerários Formativos.

Aluno não quer dizer “sem luz”, e sim “lactente”, “aquele que está crescendo e sendo nutrido”, algo do tipo (TRAVITZKI, 2009).

Mas, vamos ao que interessa! Gostei muito do seu tema de pesquisa, apesar de achar bastante amplo. Falar do diferente é um super desafio, é possível tratar de várias situações em diversas perspectivas. Gostaria que me explicasse melhor o que é o diferente.

Concordo com você quando diz que sua pesquisa deveria ser explicada sob sua perspectiva, com base nos seus sentimentos, no modo como ser pesquisadora tem influenciado em ser professora. Como gostei bastante desta sua ideia, comecei a pesquisar sobre essa possibilidade e encontrei autores que defendem a pesquisa sem distanciamento, o que eles chamam de pesquisa implicada. Fiquei surpreso também com a possibilidade em escrever em primeira pessoa. Achei sensacional isto, transformar tudo o que vivemos na escola em um texto em terceira pessoa não traria o que vivemos nas relações construídas na escola.

Fiquei com muita dúvida quando você coloca que está fazendo experiência. Você pode me explicar melhor sobre isso. Quando me diz estar fazendo uma experiência, logo fico imaginando laboratórios, tentativas e erros, estatísticas. Não consigo imaginar como está fazendo um experiência na escola, na sala de aula, com seus alunos! Estou bastante curioso.

Por falar em curiosidade conte-me melhor como é a escola em que você trabalha, como são as turmas, os estudantes...

Aguardo ansioso sua resposta, está sendo ótimo bater este papo. Sua pesquisa tem me feito pensar em várias situações que tenho vivido por aqui!

Um grande abraço, do seu saudoso amigo!

Observamos que, embora os temas de educação física, arte, sociologia e filosofia tenham sido contemplados no texto da lei, há uma discrepância com relação a abordagem dada a esses conteúdos e aos demais relacionados à matemática e à língua portuguesa. Enquanto para estas últimas, o verbo empregado é “ensino”, os verbos elencados para falar das primeiras são “estudos” e “práticas”, sem maiores orientações. Essa construção abre brecha para o questionamento de que esses conteúdos podem ser estudados e praticados, mas não necessariamente formalmente ensinados (RAMOS; HEINSFELD, 2017, p.18295).

É nesse sentido que se situam nossas inquietações, que colocam em questão os modos hegemônicos de formação do/a professor/a, apostando em práticas que se configurem em múltiplas formas de ação, como produção de saberes e de práticas sociais que instituem sujeitos, processos permanentes de aprendizagem e não práticas de modelagem que se constroem sobre especialismos naturalizados, que não entendem como a atividade de trabalho faz história (OLIVEIRA; GERALDI, 2010).

2.3 Detalhando os caminhos

Que alegria senti quando recebi sua resposta, é muito bom ter um amigo para dialogar! Muito obrigada por aceitar participar da construção desta pesquisa. Como havia lhe dito na carta anterior tenho me sentido sozinha nos últimos tempos. Tenho a impressão que o professor trabalha muito sozinho, e está sempre correndo de um lado para o outro, ou de uma escola para outra. O tempo parece estar sumindo, com tantas tarefas para cumprir.

Estamos sabendo sim, para o próximo ano haverá mudanças, mas assim como vocês ainda não temos muitos detalhes. Parece que sempre somos os últimos a sabermos das mudanças!

Sobre minha pesquisa confesso a você que fiquei muito aliviada ao saber que existem pesquisadores que defendem a perspectiva da proximidade do pesquisador com sua própria pesquisa, será muito enriquecedor e facilitador para quem estiver lendo, se souberem das minhas motivações e das reflexões que fiz a partir do que experienciei nesta turma.

Sim, não posso me esquecer! Por falar em experimentar lhe devo uma explicação. Falo repetidas vezes em minhas cartas sobre minha experiência. Creio que de tanto usar e ler este termo, o tomei como mais uma expressão de senso comum, como se todos devessem saber o que significa. Desculpe-me! Vou explicar o que quero dizer.

Quando digo das minhas experiências ou quando falo que experienciei algo, não se trata de experimentos, teste e hipóteses, estou me referindo às relações que construí com a turma, dos sentimentos que me foram despertados, falo

Larrosa (2014, p.26) foi o autor que me ajudou a pensar o que é experienciar, apresentando-me uma outra perspectiva de pesquisa, esta que é feita discutindo os deslocamentos que a própria pesquisa provocou. Este é um trecho bastante significativo para entender o que é se abrir para a experiência: “O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição”, (nossa maneira de impormos), nem a proposição (nossa maneira de propormos, mas a “ex-posição, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”.

mais precisamente de como as relações que foram tecidas naquela sala de aula, com aqueles estudantes, me despertaram, me incomodaram me colocaram para pensar.

Sobre a escola, achei muito bom ter me perguntado, me empolguei falando da turma e esqueci de contar como é aqui. Para você entender melhor, e conseguir criar uma representação do contexto que estou falando, tentarei descrever com minúcias. Acho importante dizer também que o uso das informações sobre a escola foram previamente autorizadas por meio de termo de consentimento e aceite institucional. Além disso todos os nomes que cito em nossas correspondências são fictícios, para preservar a identidade dos estudantes e dos colegas de trabalho.



Figura 1 – Entrada da escola

Trabalho em uma escola considerada grande, temos vinte e duas turmas do Ensino Médio no turno matutino e oito turmas do Ensino Fundamental no vespertino, não há modalidades noturnas. São muitos alunos, são quase mil e duzentos estudantes. Muitas vidas, não é mesmo? O Ensino Médio é predominante aqui, grande parte dos estudantes do Ensino Fundamental das escolas municipais vêm estudar aqui quando terminam este nível de escolaridade.

Veja nestas fotos como aqui é grande, este é um dos quatro corredores de salas de aula da escola. Além dessas salas ainda têm a sala de vídeo, três laboratórios, sala de informática, sala multiuso, a sala do grêmio estudantil, um quadra coberta, duas quadras abertas, horta, pátio, área verde, uma sala de aula ao ar livre, palco, depósitos, banheiros, sala da supervisão, da direção, secretaria e claro a deliciosa cantina. E não poderia esquecer da sala dos professores.



Figura 2 – Corredor.

Por falar em vida, nunca vi uma sala de professores tão lotada quanto a daqui, somos quarenta e cinco docentes, somando os dois turnos. Apesar de bem grande, enchemos a sala. São professores, estagiários, supervisores, diretora, vice-diretora, e de vez em quando ainda aparece alguém para nos vender panelas, produtos de beleza, mostrar livros didáticos. Consegue imaginar como esse ambiente pulsa?

Temos aqui uma característica bastante peculiar, a escola recebe estudantes de várias partes de Viçosa, do centro à periferia, da zona urbana à zona rural. Estudantes com os mais



Figura 3 – Sala dos professores.

diversos objetivos, já ouvi uns dizerem que estudam para tentar uma vaga na UFV, outros porque querem ser policiais e agora para ser policial é preciso ensino superior, outros já me disseram que estão na escola para “tirar” o ensino médio, pois sem esse nível de escolaridade, é difícil conseguir um emprego.



Figura 4 – Entre as grades da escola.

A grande procura por esta escola, segundo os colegas de trabalho que estão aqui há mais tempo, é devido ao fato desta escola ter sido escola referência por muitos anos e também por ser esta a maior escola de Viçosa-MG, a única que comporta a demanda de estudantes

do ensino médio.

Aqui o ensino noturno não é mais autorizado. Segundo meus colegas, as aulas noturnas acabaram devido as ameaças de violência no entorno da escola. Veja que triste a foto da escola, somos cercados por grades. Aqui precisamos das grades para preservar o patrimônio da escola. Segundo os colegas, a escola já foi vítima de furtos, desde utensílios da cozinha até os eletrônicos. Me incomoda bastante a sensação de estar cercada por grades. A proteção por grades é também uma forma de controlar o acesso de todos. Principalmente dos alunos, que só podem frequentar os espaços autorizados em tempos determinados.

Me coloco a pensar será que a comunidade em que a escola está inserida sente-se representada por ela? Talvez não. Ainda me recordo da maneira como a comunidade aí em Timóteo-MG protegia e cuidava da escola. Talvez esteja faltando esse vínculo entre comunidade e escola.

Você acredita que um dia desses um estudante me disse que está na escola para não deixar a mãe triste? Isso mesmo! Ele falou que já tem uma profissão, é barbeiro, que não precisa estudar para exercer seu trabalho, mas a mãe fica feliz quando ele vai à escola.

Lembra da primeira carta quando falei dos diferentes perfis de estudantes que estão na escola, resultado da democratização do acesso à educação? Você consegue perceber alguma conexão entre o sentimento dessa mãe ao ver o filho ir à escola, com o que Oliveira (2004) explica sobre associar a escolarização com uma possibilidade de mudança e crescimento no mundo do trabalho?

No site da Secretaria Estadual de Educação é possível encontrar alguns critérios para que a escola participe do Projeto Escola Referência: Na primeira etapa, o projeto vai atingir 102 municípios, 337,4 mil alunos e 10,8 mil professores. As escolas selecionadas apresentam características especiais. Elas estão localizadas em municípios com mais de 30 mil habitantes e têm mais de mil alunos no ensino médio. Para favorecer a troca de experiências, cada uma das 200 escolas apontou uma escola associada para transferir os benefícios e conhecimentos adquiridos com o Escolas-Referência (MINAS-GERAIS, 2004).

Acho que me empolguei novamente, hoje fico por aqui. Mas não esqueci da sua indagação sobre o que chamo de diferente, prometo responder em breve.

Estou planejando vistá-los em breve, quero ir em um dia letivo, para ver os colegas e a meninada.

Abraços, Carolina Alvarenga.

2.4 Como isso tudo vai virar pesquisa?

Primeiro quero lhe dizer que fiquei surpreso com o tamanho da escola, fiquei imaginando a sala dos professores, me deu até vontade de conhecer.

Interessante como a vida muda tanto, não é mesmo? Parece que foi ontem que estávamos aqui trabalhando juntos. Fiquei curioso para saber como foi sua adaptação em um ambiente tão diferente. Com os seus relatos consegui perceber que a escola aqui é bem menor do que a que você trabalha em Viçosa.

Nunca tinha escutado nada parecido com essa forma de fazer pesquisa. Essa é uma nova proposta? Mas gostei demais de saber que existe essa forma de pesquisar, vivendo experiências. Mas ao mesmo tempo acho que isso não é para qualquer um! Deve ser difícil demais desconstruir todo aquele formato de pesquisa que aprendemos durante nossa vida estudantil e se jogar nessa experiência. Você está conseguindo fazer essa transição?

Sobre a pesquisa, estou bastante pensativo. Como você conseguirá produzir resultados pesquisando em sua turma? Como vai categorizar e analisar isso tudo? Não estou duvidando de

sua competência, mas estou realmente curioso e preocupado sobre como conseguirá ser professora e pesquisadora simultaneamente? Será que uma tarefa não vai atrapalhar a outra?

Desculpa, lhe enchi de perguntas! Mas é porque a curiosidade aqui está pulsando. Isso tudo é muito novo aqui. Já estou começando a sentir que estou fazendo essa pesquisa com você. Estou realmente muito envolvido e afoito para saber mais.

Abraços de força, de seu saudoso amigo professor.

2.5 Pesquisando com o cotidiano

Que saudade meu querido amigo! Lendo sua última carta veio a minha memória tantas lembranças do tempo em que trabalhávamos juntos. Foram muitas experiências vividas. Sem contar que tenho um carinho especial por tudo que vivi aí. Lembro-me como se tivesse acontecido ontem do meu primeiro dia de trabalho. Levo comigo um pouco de cada um, vocês me ensinaram muito!

Sobre as mudanças, acredito que toda mudança tem seus desafios. Junto com toda alegria e empolgação também senti medo. Medo de não me adaptar, medo de não gostar e sobre tudo medo de não ser bem recebida. Esses medos em relação à nova escola estão superados, hoje tenho outros vários medos, que ainda teremos oportunidade de conversar. Fiz amigos por aqui, fui acolhida por um grupo de professores muito especiais, com eles me sinto entre amigos.

Quanto ao tipo da minha pesquisa, sei que gera muitas dúvidas, também fiz esses ques-

Segundo Alves (2010, p.73) traço pistas do que são os participantes desta pesquisa: “De simples fontes ou recursos metodológicos, as narrativas e as imagens se transformam, assim em personagens conceituais como aprendemos com Deleuze (1991) e Sousa Dias (1995), um estudioso do primeiro. Essa ideia surge quando encontramos em Deleuze a compreensão de que os acontecimentos são mundos possíveis conceituais e de que o pesquisador, para articular suas palavras, precisa de personagens conceituais.”

tionamentos. Antes do mestrado eu também não havia escutado sobre pesquisas semelhantes a esta que estou desenvolvendo. No início nos soa estranho uma pesquisa que pode ser escrita em primeira pessoa, que não exige distanciamento do pesquisador e o objeto de pesquisa, que aliás não trata os participantes como objetos, mas como personagens.

Mas digo a você sem medo de errar, aprender fazer pesquisa deste modo foi o melhor aprendizado do mestrado. Parece que me libertei das amarras que bloqueavam a minha criatividade e logo me deixava sem inspiração.

A pesquisa como tenho lhe contado recebe o nome de pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Ou seja o que desejo não é pesquisar determinada situação que está ali pronta e estática, mas os diversos afetamentos que emergem dessas experiências. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos é construída com os acontecimentos, ou seja, aquilo que ninguém prevê. E são estes acontecimentos que serão apresentado e refletidos em minha dissertação.

Você consegue entender que não há intenção de nomear, classificar e hierarquizar aqui? O que quero é colocar as experiências vividas e os sentimentos das pessoas em evidência. Portanto meu caro amigo, sua preocupação, apesar de pertinente devido à nossa formação, não é própria das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

Perceba ainda que não há nem mesmo como prever que tipo de situação quero apresentar, pois nestas pesquisas não vamos a campo com um objeto pronto, não tenho intenção de pesquisar determinado tipo de pessoa, ou determinada situação. Os objetivos vão sendo traçados no caminho, dependendo do que surgir e afetar os praticantes desses cotidianos.

Continuando a seguir as pistas para compreender o que são os personagens conceituais e como eles compõem esta pesquisa sigo Deleuze e Guattari (1992) para entender que os participantes desta pesquisa devem ser chamados de personagens conceituais tendo em vista que estes são a própria potência de criação, são autores dos acontecimentos narrados aqui e por isto criam conceitos. Portanto não são traduzidos ou interpretados por mim, são co-autores desta pesquisa. “O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste”.

Não se preocupe se estiver achando que não está entendendo, também tive essa dificuldade. Mas à medida que for contando, essas teorias e conceitos podem ficar mais simples. Parece que estou solta, seguindo sem rumo, mas perceba que existe sim um fio condutor, deixar as experiências me afetar. Entende agora a importância de se abrir para a experiência? Ao experimentar esses cotidianos terei a oportunidade viver os acontecimentos.

Portanto, ser professora da turma onde construo a pesquisa não é um problema, pelo contrário é um facilitador. Por fazer parte do corpo docente desta escola tenho acesso a mais espaços tempos possíveis, do que teria um pesquisador de fora. Meu acesso às salas de aula, à sala dos professores, às reuniões pedagógicas e administrativas, à cantina é irrestrito. Além disto não sou para os demais servidores e alunos da escola uma visita, sou parte deles, o que permite que as conversas sejam mais leves e naturais.

Limites por eu ser professora? Com certeza existe, e tenho medo de errar nesse aspecto. Corro o risco de me fechar enquanto profissional que deve cumprir uma série de normas e não me abrir para a experiência. Mas só poderei saber se isso será um limite no decorrer da pesquisa.

2.6 Acho que entendi

Nossa Carol, que difícil isso, hein?

A princípio acho que entendi os conceitos que apontou. Interessante falar sobre experiência; enquanto lia eu pensava na quantidade de situações que acontecem conosco ou ao nosso redor e não damos nenhuma importância. Muitas vezes olhamos e logo em seguida já esquecemos. Entendi que experienciamos um acontecimento

Foucault (2014, p.18) contesta a tradição da história em contar o tempo de modo linear naturalizando os acontecimentos, em suas palavras ‘dissolvendo o acontecimento singular em uma continuidade ideal’, e explica o que é acontecimento: “É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta”. Portanto o que nomeamos por acontecimento nesta pesquisa é o resultado dos acasos que emergem das relações entre os praticantes destes cotidianos. Acasos estes que não podem ser previsto ou controlados, eles surgem nas relações de forças.

quando algo ali nos chama atenção, nos afeta de alguma maneira podendo até transformar nosso modo de pensar e agir diante daquele acontecimento.

Nós professores vivemos isso, não é mesmo? Tantas coisas nos passam em um dia, mas às vezes algumas situações nos incomodam, nos colocam pra pensar. Isso já aconteceu várias vezes comigo. Pelo que entendi com nossas correspondências é isto que você quer colocar em evidência, as relações e os sentimentos que são tecidos no cotidiano e que nos provocam, nos modificam de alguma forma, nos tocam.

Sobre o diferente e a diferença, presumo que deve ter sido muito difícil pesquisar sobre isso e não misturar tudo. Mas confio em você minha amiga! Tenho aprendido bastante, porém estou muito curioso para saber sobre a sua experiência neste nono ano durante este mês de experiência (já estou aprendendo!).

Abrços apertados!

3 Narrando cotidianos de uma escola

Ninguém merece ser só mais um bonitinho
 Nem transparecer, consciente, inconsequente
 Sem se preocupar em ser adulto ou criança
 O importante é ser você

Mesmo que seja estranho, seja você
 Mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro
 Mesmo que seja estranho, seja você
 Mesmo que seja
 (Pitty)

3.1 O diferente e a diferença

Querido amigo, como havia prometido estou lhe escrevendo novamente para lhe explicar o que é o diferente. E mais do que isso tentar explicar como o conceito de diferente se distingue da diferença que emerge em nossas relações.

A minha proposta nesta pesquisa foi seguir as produções identitárias, a realidade do diferente no cotidiano escolar e também a possível emergência da diferença no contexto desta sala de aula. Decidi seguir por essa perspectiva pois muito me inquieta a discussão em relação a como o diferente é vivido na escola, longe das orientações formais e leis, se aproximando das práticas docentes, do contexto de cada escola e também da realidade dos estudantes que praticam o cotidiano escolar.

Pesquisar o diferente tem sido tarefa árdua, pois este conceito se assenta em uma com-

Larrosa e Skliar (2001, p.10) discutem a dificuldade do ser humano em assumir a pluralidade humana. Usam a história Bíblica de Babel para explicar o que é viver babelicamente: “Babel fala de unanimidade, de totalidade e de mesmidade: de uma cidade, de uma terra, de um nome e de uma língua, que são para todos a mesma coisa. E fala também do fim da unanimidade, da totalidade e da mesmidade: da dispersão dos homens, da destruição da torre, da perda do nome, da confusão da língua...” Viver babelicamente portanto é negar a multiplicidade humana. E explica que a interpretação da dispersão em Babel, na sociedade moderna é sinônimo de castigo de Deus imposto ao humanos, e nossa tarefa seria refazer a Unidade ou, pelo menos, administrar a Diversidade. “Por isso, teríamos de compor e recompor uma e outra vez a pluralidade humana, teríamos de aceitar e celebrar as diferenças, porém, isso sim,

plexa discussão em um campo relacional com a identidade. E ainda é preciso entender que o diferente e a diferença não são a mesma coisa. Vou tentar lhe explicar, mas caso não entenda pergunte-me. Tentaremos outras maneiras de dialogar. Para início de conversa tenho que lhe dizer que os conceitos de diferença e o diferente não são sinônimos. Quando comecei a pesquisa tive muita dúvida sobre isso, pensei que tinha entendido, mas não.

Primeiro vou lhe dizer o que é o diferente. O diferente é um conceito que se relaciona com a identidade, ou seja quando dizemos que alguém ou algum grupo de pessoas é diferente estamos tomando por base alguma referência identitária. Deixa eu exemplificar: quando falo que sou brasileira tomo por base a noção identitária das nacionalidades, eu sou isso porque não sou aquilo.

A escola, como instituição social que é, também constrói a autodefinição dos indivíduos, definindo quais características fazem parte da identidade normal.

Desse modo quando digo sobre o diferente na escola, estou me referindo àqueles que não se enquadram no padrão identitário da normalidade da escola. Estou dizendo daqueles que desafiam os padrões da escola, aqueles que não tem um lugar comum, produzem incômodos.

Por outro lado a diferença não possui essa caráter relacional com a identidade. Sabe por quê? Porque a diferença não se associa a nada, não se classifica, não se mede. A diferença é um processo que emerge do inesperado.

O que tento lhe explicar, é que o diferente é relacional, ele existe como uma criação social como expliquei no início. A diferença é processo,

representando-as, desativando-as, ordenando-as, fazendo-as produtivas, convertendo-as em problemas bem definidos ou em mercadorias bem rentáveis; teríamos de produzir e canalizar os fluxos e intercâmbios, porém, isso sim, de forma ordenada, vigiada e produtiva: teríamos de convocar toda a alteridade possível, de permitir-se todas as comunicações, porém, isso sim, silenciando, dosando, ressignificando e harmonizando as vozes dissonantes, governando os silêncios dilacerados e regularizando e rentabilizando os deslocamentos”.

Bauman (2005) explica que a identidade é uma construção social, um processo que constitui a autodefinição dos indivíduos e os confere a noção de pertencimento. A identidade é o que referencia o diferente. Para ele as identidades são múltiplas, construídas no corpo social de acordo com a historicidade de cada território, marcado por relações de poder que se materializam nas relações geopolíticas, econômica, culturais e sociais.

Silva (2013, p.83) explica que o processo de normalização consiste em determinar uma identidade como parâmetro e, a partir desta, avaliar e classificar as demais identidades: A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial.

é acontecimento, emerge nas nossas experiências cotidianas. E além disso não pode ser representada nem prevista. A diferença emerge no instante seguinte, em um constante devir.

Consegue entender como o diferente e a diferença são distintas? Percebe que a proposta da pesquisa é acompanhar o diferente, mas sem deixar de lado a possibilidade da diferença emergir nas composições cotidianas? aguardo sua resposta, nossas conversas são muito enriquecedoras.

3.2 Refletindo sobre o novo

Querida Carol, admiro seu esforço em tentar me explicar isso tudo. Mas ainda acho que não consegui compreender plenamente a distinção entre o diferente e a diferença.

Em termos conceituais entendi, mas fiquei refletindo aqui sobre o que é a diferença na prática. Como assim a diferença acontece? Ninguém consegue prever, ninguém consegue nomear, não se relaciona a nada, não está entre.

Nunca havia pensado dessa maneira. Sempre quando penso em um conceito, penso ele em relação a outro. Por exemplo quando digo que um aluno é muito bagunceiro, qualifico este como bagunceiro pensando no outro que é tranquilo. Ou seja o conceito de bagunça esta relacionado a falta de tranquilidade. Entende?

Como pensar sem relacionar? Essa é uma maneira muito nova de pensar para mim. Esse é jeito muito filosófico de pensar a vida. Estou bastante confuso com isso tudo. Nesta inquietação comecei a me colocar no lugar dos nossos alunos. Como será que eles se sentem diante dos conteúdos que apresentamos e que para eles é

A identidade é predicativa, propositiva: x é isso. A diferença é experimental: o que fazer com x. A diferença é mais da ordem da anomalia que da anormalidade: mais do que um desvio da norma, a diferença é um movimentos sem lei (SILVA, 2002).

A Modernidade construiu, neste sentido, várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito ausente, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura, a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções oficiais; sua permanente e perversa localização do lado externo e do lado interno dos discursos e práticas intitucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras - isto é, a ética perversa da relação inclusão/exclusão-; sua oposição a totalidades de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis etc (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p.121).

totalmente novo?

Sua pesquisa está me deixando com os cabelos em pé!

Aguardo ansioso os relatos da sua experiência enquanto professora-pesquisadora. Quem sabe assim eu consiga entender melhor este jeito não relacional de pensar! Abraços.

3.3 Acontecimentos: fiquei sem resposta

Preciso lhe contar uma situação que aconteceu, em que me faltou resposta, me faltou ação, sobrou um sorriso sem graça e depois o silêncio. Talvez a partir desta narrativa você consiga entender melhor a diferença.

Rafael tem quinze anos e chegou à escola no ano passado. Quando chegou à escola ele contava para todos que tinha vindo de uma outra escola particular de Viçosa-MG, mas que fora convidado a se retirar. E que o seu pai, como uma medida punitiva, o colocou em uma escola pública.

Recordo de Rafael explicando:

- Ah meu pai já desistiu, disse que eu não tenho jeito mesmo. Que me colocou aqui e se eu quiser estudar eu estudo, se eu não quiser o problema é o meu.

Para Rafael a nossa escola significava a desistência do pai, e que poderia fazer o que quisesse pois ele já era caso perdido.

Esperto, bonito, bom de conversa, logo Rafael se tornou líder, e seu grupo de amigos e seguidores só aumentou. Ficavam no fundo da sala, todos juntos. E o que me chamava atenção era que eles se sentavam em grupo de costas para

o quadro. Não se importavam quando eu chegava na sala, do mesmo modo que estavam, permaneciam jogando baralho, conversando, vendo fotos no celular, até o momento que eu exigia que retomassem seus lugares para começarmos a aula.

Viravam as carteiras mesmo contrariados, reclamavam e passavam o resto da aula ignorando minha presença. Houve vários episódios de conflito entre nós. Não aceitavam serem chamados atenção, reagiam aos pedidos e muitas vezes foram convidados a bater um papo com a direção.

Em uma dessas vezes, já cansada de tanto pedir enquanto tentava explicar para a turma, o grupo de Rafael falava tão alto que eu nem mesmo conseguia ouvir as perguntas dos outros alunos. Pedi que eles fizessem silêncio, e a resposta foi bem clara:

- ÔOO professora deixa de ser chata, a gente não tá fazendo nada. Nussa! Você é chata demais.

Cansada de pedir, e já sem paciência com a persistência da conversa de Rafael e seu grupo, pedi que eles saíssem para conversarmos fora da sala.

- Iiiii já vem de novo. Você não desiste de nós mesmo!

Pedi que eles se encaminhassem para a sala da supervisão para conversarmos sobre o que estava acontecendo. Minha intenção neste momento era tentar conversar reservadamente com os alunos e tentar entender o que estava acontecendo. Quando chegava à sala da supervisão fui surpreendida com a represália do vice-diretor.

- Você não pode tirar esse tanto de aluno

da sala de uma vez. Desse jeito você atrapalha o nosso serviço aqui fora. Quando for assim expulse apenas dois.

Eu sem entender direito o que estava acontecendo, falei:

- Não, não estou expulsando. Quero conversar com os alunos, mas eles podem retornar para a sala.

E a resposta foi imediata:

- Se for assim tudo bem! Não dá pra ficar com esse monte de gente aqui fora.

Iniciamos a conversa, mas acho que depois dessa abordagem fiquei um pouco sem ação. Confesso que levei um susto. O vice-diretor me dizia que não tinha mais jeito, não tinha o que fazer, que a escola já havia tentado de tudo.

- Já liguei pra família, já dei castigo, já dei suspensão. Não adianta! Começa a tirar os pontos deles, fez coisa errada, corta ponto. Quero ver eles ficarem espertos na recuperação.

Bem, não era nada disso que eu havia planejado. Desapontada com minha tentativa frustrada de tentar entender o que estava acontecendo, pedi aos estudantes que voltassem para a sala. E no caminho de volta pensava: agora é comigo. Vou ter que me virar para conseguir trabalhar nesta turma.

Fiz tudo que podia, tentei conversar e aproximar. Tentei mudar as estratégias, levei jogos, fiz debate, organizei trabalhos em grupo. Até confraternização fizemos neste ano. E nada! E o pior, a indiferença deles me cortava, me deixava extremamente frustrada.

Depois de tentar tantas alternativas, cheguei a conclusão que o melhor seria deixar de me importar, entrar no jogo deles e também ser

indiferente à postura de completo desdém.

Era uma quinta-feira de novembro, cheguei na sala do nono ano para dar a oitava aula do dia. Antes de entrar na sala já estavam vários alunos na porta, atitude habitual de todas as turmas da escola. Aproveitam a troca de professores para ver os colegas das outras turmas, correr pelos corredores ou tentar dar aquela escapada da próxima aula. E na porta estava também Rafael.

Pedi que eles entrassem que eu iria começar a aula, em seguida entrei, organizei meu materiais sobre a mesa, cumprimentei a turma, conversei com alguns alunos que vieram perto de mim. E voltei até a porta pedindo novamente que eles entrassem. E o breve diálogo que tive com Rafael me deixou sem resposta.

- O professora a gente já vai... É o ano tá acabando né? Será que vou bombar de novo!haha...

- Rafael, não sei! Você está com notas baixas em muitas matérias?

- Aah! Sei lá. Também não ligo. Se eu bombar, pior “procê” que vai ter que me aturar ano que vem de novo. Tentando me manter firme na estratégia da indiferença falei:

-Ruim pra mim nada! Ruim pra você, vai ter que ver tudo de novo. Eu vou continuar aqui do mesmo jeito. Você indo ou ficando vai ter sempre um para me perturbar.

- Ô fessooooora... fala sério! Eu te perturbo demais... Você finge que não liga.

-E não ligo mesmo!

-Liga sim! Eu vejo sua cara fingindo que não tá vendo. Você finge que não liga, mas sai no corredor bufando igual um touro bravo. kkkkkkkkk... num é mesmo gente?

Maciel-Jr (2014) nos explica que para Foucault não existe poder sem resistência, e resistir não é reagir, pois ao reagir respondemos a alguma ação e ao resistir estamos criando uma maneira de escapar das imposições. Este processo de criação é nomeado por Foucault da criação do ser em si, para Maciel-Jr (2014, p.7) a prática de si veio a se configurar como eixo autônomo, introduzindo a ética como uma prática limitadora das estratégias de poder. É a prática de liberdade que ganha assim positividade, garantindo a possibilidade da constituição do novo em ruptura com as relações de poder.

Naquele momento Rafael estava vermelho de tanto rir. Eu parada olhando para ele, sem falar nada e pensando: dessa vez ele me pegou! Tudo que fiz, todas as estratégias foram frustradas. Rafael foi um aluno que me atravessou todo o ano, mais ainda nestes últimos tempos em que eu tentava ignorá-lo. Quanto mais eu fingia que não me importava, mais eles faziam para me irritar. E eu tentando tudo que eu podia, passando horas pensando no que fazer, fui desmontada na frente de toda turma.

Mas meu caro amigo, fui para casa extremamente frustrada, e fiquei pensando na atitude de Rafael. Um menino de quinze anos, bastante inteligente e articulado, que viu várias pessoas ao redor dizerem que ele não tinha jeito. Inclusive eu!

Rafael é nesta escola um incômodo, posso dizer que ele assim como outros é o diferente, que está o tempo todo sendo negado pela escola. Ele não tem jeito, já desisti desse menino, caso perdido! É o que mais escutei no último ano sobre ele. Eu mesma fiz isso com ele, o ignorei por não saber como agir diante de sua rebeldia.

Ignorar a indiferença que Rafael e seus amigos tinham por minhas aulas foi realmente a saída mais fácil. Foi mais fácil fingir que eles não tinham jeito, do que encarar todo aquele desprezo.

Sabe quando ao meu ver emerge a diferença? Quando Rafael me desmonta, me joga no chão desfazendo o meu jogo de ignorá-los. Eles me desafiaram o tempo todo, e mesmo quando eu fingi desistir, ele recriou uma forma de desafiar e me dizer: ei, eu estou aqui! Quer você goste, quer não. E não adianta fingir que não se importa com meu desprezo a você e às suas aulas. Porque eu sei que lhe incomodo.

Gallo e Aspis (2010, p.103) explica que a criação do ser em si produz resistências que ele denomina de um devir menor que independe de estruturas, acontece no cotidiano. As forças de resistência são construídas minando as forças hegemônicas existentes e produzindo subversões: “Uma forma de resistência, hoje, portanto, talvez seja esta: agir, criando espaços de minoridades, espaços das falas e das práticas das minorias, daqueles que reconhecem e usam seu poder de criar sub-versões. Sim, talvez seja isso, hoje, a defesa da vida: reativarmos nosso poder de criar sub-versões. Essas subversões não estão em oposição termo a termo com a versão oficial, pois a lógica da contradição já não funciona mais no campo da biopolítica e da sociedade de controle. Nossas passeatas, nossas greves, nossos movimentos sindicais, peito contra tanque pela paz já não funcionam, porque o próprio capitalismo não funciona mais assim. Criar novas armas. Essas subversões, portanto, fazem parte da versão oficial; estão, a partir de dentro, minando-a”.

Rafael se movimentou, me desafiou e tentou durante todo o tempo subverter a ordem imposta. Ele me colocou em xeque ao me tirar da minha zona de conforto. Ele virou de ponta a cabeça a minha lógica.

E nesta relação de poder, professor e aluno, Rafael resistiu, criando formas de me desestruturar e mostrar que apesar da minha aparente indiferença, aquilo tudo me incomodava muito.

Você consegue entender como senti? Consegue perceber que este aluno conseguiu minar a estrutura que eu havia criado para me proteger e me manter no lugar de superior indiferença?

Fico por aqui, impressionada com a astúcia destes alunos para desmontar minha pseudo indiferença e criar novas formas de resistir.

Abrços.

3.4 Esses meninos são muito espertos

Oi Carol, mas que “saia justa” não é mesmo? Mas essa molecada é muito esperta! Essas situações não acontecem só com você. Também já passei por experiências desse tipo, eles nos surpreendem quase sempre com suas “tiradas”.

Mas vamos ver se eu entendi melhor sobre o diferente e a diferença.

Quando Rafael é classificado como sem jeito pelo vice-diretor, estamos frente a um exemplo do diferente certo? Ou seja, ele é aquele que não consegue se enquadrar na normatividade da escola. Rafael é, portanto, exemplo daqueles em que falta alguma coisa para pertencer a identidade padrão da escola. Isto é relacional.

Deleuze (1992) chama esses movimentos de subversão de devir minoritários, e explica também que a minoria pode até ser mais numerosa que a maioria, na verdade o que define uma minoria é não ter um modelo, é processo é devir. Uso este conceito para explicar que o devir minoritário neste caso é do aluno que age sem um modelo previamente estabelecido, criando formas de subverter as regras.

Skliar (2003) com base nos estudos em Foucault fala sobre o incorrigível: “Seu índice de frequência é muito maior que o do monstro e, por isso, é um fenômeno mais corrente: é regular em sua irregularidade. E isso acontece porque se encontra muito próximo da regra, é uma evidencia familiar, não é preciso provar nada. O incorrigível tem esse caráter, pois todas as técnicas familiares de domesticação, por meio das quais poderia ter sido corrigido, fracassaram. Justamente por isso, o indivíduo a ser corrigido é o indivíduo incorrigível, e na medida em que é incorrigível supões intervenções específicas, uma tecnologia da correção, da recuperação e, em síntese, da normalização”.

Porém quando Rafael desmonta sua estratégia, fazendo deboche de sua atitude, criando um devir menor, isso é a diferença. Isto não é relacional. Emerge nas relações tecidas entre vocês nesta sala de aula. Você nem ninguém esperava esse acontecimento. Rafael não é conceituado negativamente em relação a outros. Pelo contrário, ele constrói uma situação inesperada.

Ele mostra sua criatividade, nesse sentido o que se coloca em evidência é a valorização da criação, não do que falta à Rafael. Espero estar entendendo enfim! Uma dúvida que permanece, só quem é nomeado como diferente cria situações em que emerge a diferença?

3.5 A diferença não é classificável

Meu querido como foi bom falar sobre o acontecimento com o estudante Rafael, ele me deixou sem chão. Fiquei pensando sobre tudo aquilo por vários dias. Foi bom compartilhar com você. Gostei de seu questionamento sobre a partir de quem emerge a diferença! Vamos falar disso logo. O caminho é este, a filosofia da diferença foi negada durante muitos anos pela nossa sociedade. Somos formados para comparar, classificar, hierarquizar, excluir e incluir, e além disso tratar como doença aquilo que não compreendemos ou julgamos incorreto, nesta condição é difícil mesmo pensar pela lógica da diferença. Eu também tenho dúvidas, e volta e meia me pego pensando na lógica da classificação, medindo o que falta aos outros. Mas acredito que estamos caminhando nesse modo de pensar.

Seguindo a filosofia da diferença, percebo meu amigo que a diferença pode surgir em qualquer situação e vir de qualquer pessoa,

Foucault (1997) define quem são os incorrigíveis: “O indivíduo a corrigir. É um personagem mais recente que o monstro. É mais o correlato das técnicas de adestramento, com suas exigências próprias, do que dos imperativos da lei e das formas canônicas da natureza. O aparecimento do “incorrigível” é contemporâneo do estabelecimento das técnicas de disciplina, a que se assiste durante os séculos XVII e XVIII — no exército, nas escolas, nos ateliês, e depois, um pouco mais tarde, nas próprias famílias.”

“A diferença é este estado em que se pode falar de A determinação. A diferença “entre” duas coisas é apenas empírica e as determinações correspondentes são extrínsecas. Mas, em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue - e, todavia, aquilo de que ele se distingue não se distingue dele. O relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se ele se distinguisse daquilo que não se distingue. Dir-se-ia que o fundo sobe à superfície sem deixar de ser fundo. De uma parte e de outra, há algo de cruel e mesmo de monstruoso nesta luta contra um adversário inapreensível, luta em que aquilo que se distingue opõe-se a algo que não pode distinguir-se dele e que continua a esposar o que dele se divorcia. A diferença é esse estado de determinação como distinção unilateral” (DELEUZE, 2000, p.36).

não somente daqueles que classificamos como diferente pela ausência de alguma característica.

É justamente isso que me chama atenção e me faz pesquisar este tema. Não é possível prever onde surgirá ou como e quando. Narrei a experiência de Rafael não por este ser tratado como diferente, mas por esta ter sido a primeira experiência em que pude sentir e perceber que ali havia emersão da diferença.

Coincidentemente esta semana pude experimentar uma sensação semelhante, para mim ainda mais surpreendente, pois surgiu de um aluno que eu mal havia escutado sua voz em sala durante o ano letivo. Acompanhe o diálogo e tente entender minha surpresa.

Alison é um aluno super dedicado com ótimas notas, de pouca conversa e bastante concentrado, muito educado e solícito, um aluno perfeito para a identidade normativa da escola. Em uma segunda-feira estávamos conversando sobre as religiões, gosto de trazer os temas e deixar os estudantes falarem sobre o que pensam e discutirem entre si. Falávamos sobre a importância da religião na vida e na cultura, também discutíamos sobre a intolerância religiosa.

Me lembro que era uma conversa amistosa e os alunos começaram a colocar suas opiniões em relação a algumas punições e regras de algumas religiões. Falavam do apedrejamento, das penas de morte, das restrições impostas às mulheres e também de situações mais presentes nas próprias vidas, como por exemplo a proibição de batizar filhos de pais separados, da proibição da separação ou ainda das restrições de vestimentas impostas por algumas religiões. Em meio a esta discussão, Alison levantou a mão e aguardou sua vez, enquanto a turma se atropelava para falar, ele aguardava pacientemente sua vez.

Tarde (2007, p.60) contesta a ideia de unicidade que a sociedade moderna insiste em querer, a partir da administração e da normalização dos diferentes: “Tudo parte do infinitesimal e tudo a ele retorna, nada, coisa surpreendente que não surpreende ninguém, nada aparece subitamente na esfera do finito, do complexo, nem nela se extingue. Que concluir daí, senão que o infinitamente pequeno, ou seja, o elemento, e a fonte e a meta, a substância é a razão de tudo?”.

Muito tranquilo, falou em um tom moderado mas firme:

-Eu não concordo com o que vocês estão falando. Acho certo cada religião ter suas regras.

A turma logo já começou o burburinho, por acreditar que em minhas aulas há espaço para ouvir as posições, logo pedi a turma que esperasse pois cada um teria sua vez de falar e que escutassem o que o colega queria falar. Em seguida perguntei:

-Alison, explique para nós seu posicionamento. Assim os colegas têm oportunidade de entender.

E ele logo respondeu:

- Aaah professora, é porque é assim. Acho que cada religião tem suas regras e ninguém é obrigado a seguir. Agora, se a pessoa nasceu naquele lugar, daquela religião, ela já tá acostumada com aquilo e talvez...talvez nem ache ruim. Ao contrário! Pensa... será que eles iam gostar de saber o que estamos dizendo aqui? Estamos julgando sem saber. Falando como se a gente soubesse o que é melhor pros outros.

Neste instante, após a fala de Alison, a turma já estava super agitada, todos falando ao mesmo tempo. Demorei alguns minutos para conseguir apaziguar a falação e disse:

- Pessoal, temos que respeitar o pensamento do colega. Quem garante que a verdade está conosco? Que sabemos o que é melhor para os outros?

Logo em seguida disse ao Alison que a posição dele é admirável, estamos muito acostumados a dizer aos outros o que é melhor e além disto classificar e medir o que é melhor e o que é pior. O que poderíamos fazer era estudar as

“O problema é que no âmbito da filosofia moderna hegemônica o outro é uma representação. Quando falo do outro, não falo senão do eu, de como eu o represento. E resta que o outro nada mais é do que uma ficção, um produto do meu pensamento. Assim o educador que planeja sua ação para os outros não tem em mente ninguém mais do que ele mesmo. Ele educa à sua semelhança, sendo o outro uma representação sua. Ele define, de antemão, o outro como o mesmo”(GALLO, 2010, p.237).

religiões e avaliar perante aos nossos conceitos e não em relação aos outros.

Agora veja meu amigo o pensamento deste aluno, inesperadamente mudou os rumos de nossa aula, denunciou nosso hábito de pensar tudo negativamente em relação ao que naturalizamos como identidade normal. O que sabemos é melhor, nossa cultura é o padrão e é a referência para julgar o que é bom para os outros e avaliar como pior aquilo que não reconhecemos como nosso padrão identitário.

A fala de Alison foi para mim um acontecimento, surgiu sem previsão e de alguém que eu não esperava, modificou a discussão e nos alertou para uma forma de pensar fora dos nossos modelos. Consegue entender agora que a diferença aparece sem previsão? Para mim entender e perceber a diferença é diariamente uma construção, uma mudança de perspectiva.

3.6 Experimentando os cotidianos: aprendendo juntos

Boa noite Carol, hoje tive um dia de deixar qualquer professor cansado. Depois de encarar dois turnos completos, dez aulas, preencher nosso querido diário online, que você também deve estar experimentando, em que nada funciona direito e ainda desaparece com as informações, fui para a reunião administrativo/pedagógica. Veja que delícia! Deixando o corre corre de lado, vamos a parte suave do dia.

Gostei muito de sua explicação, a diferença emerge sem deixar antecipar onde ou quando irá acontecer. Acho que isso tudo está mudando minha maneira de viver os cotidianos em sala de aula.

“A coletividade é possível porque, sendo singularidades, sendo todos diferentes, irredutíveis ao mesmo, podemos construir projetos coletivos. Podemos construir situações que aumentam nossa potência, a potência de cada um, situações em que a liberdade de um não é um limite a liberdade do outro, mas sua confirmação e sua elevação ao infinito, como pensou Bakunin”(GALLO, 2010, p.243).

Tenho observado mais e além de observar mais percebo que começo a me despir de algumas travas que me impedem de viver as situações que me incomodam, ou que eu não tenho o controle, sem reagir imediatamente. Acho que isso nos deixa mais próximos dos estudantes.

Por falar em perder o controle, esse menino Alison foi muito sagaz ao colocar sua opinião. Acho que se essa situação tivesse acontecido em uma aula minha também ficaria impressionado. Mesmo quando queremos nos afastar dessas convenções e padrões somos capturados por elas.

E um garoto calado e tímido, que nem mesmo você esperava, consegue pensar fora dessa lógica de aceitar o que falta no outro, aceitar aquilo que não é nossa identidade padrão, apenas aceitar aquilo que consideramos menor.

Confesso que sentirei saudade de nossas conversas ao final desta pesquisa. Tenho aprendido tanto junto com você! Abraços!

3.7 Quando aprendi na experiência o que é prática-teoria-prática, uma visão institucional em relação ao diferente

Boa tarde meu amigo, acabei de chegar da escola e já corri para lhe escrever, fiquei muito feliz em saber que estamos aprendendo juntos a experienciar a escola. É muito gratificante reconhecer em nossos cotidianos oportunidades de aprender e construir conhecimento.

Sempre ouvi falar da construção de co-

“Não se pode produzir a educação como modelo, não se podem reproduzir modelos educacionais. É possível criar métodos de ensino? Sim, mas como não há métodos para aprender, é preciso abdicar da ficção pedagógica do ensino-aprendizagem. Educar significa lançar convites, foge ao controle daquele que educa. Para educar, portanto, é necessário ter desprendimento daquele que não deseja discípulos, que mostra caminhos mas que não espera e muito menos controla os caminhos que os outros seguem. E mais que tem a humildade de mudar seus próprios caminhos por aquilo que também recebe dos outros”(GALLO, 2010, p.245).

nhecimento conjugando teoria e prática docente, na graduação, na especialização, no mestrado. Entendia o que era mas não reconhecia em minhas práticas oportunidades de produzir conhecimento. Como dizem por aí, a ficha não tinha caído. Pensando em tudo que aprendi e experienciei durante essa pesquisa, construí uma nova lógica. Quanto aprendizado essa convivência com todos estudantes tem nos proporcionado? Desde então tenho refletido sobre os frutos dessas experiências.

Um bom exemplo de aprendizagem deste processo é que estudando as teorias e experienciando essas situações em minha sala de aula, aprendi a fazer uma outra reflexão sobre o que aconteceu com meu irmão.

Quando falei no início que meu irmão conseguiu superar suas dificuldades com auxílio da minha mãe, digo isso a partir do pensamento que estabelece o que é normal. Sendo assim coloco a situação vivida pelo meu irmão na seguinte lógica: quem está incluído, aquele que consegue seguir os padrões de normalização e quem ainda precisa ser incluído, aquele que falta alguma coisa para alcançar o padrão normal.

O que foi feito com meu irmão foi um processo de normalização. Ele foi interpretado, tratado e conseguiu se encaixar na normalidade da escolarização. Só consegui interpretar as coisas assim a partir dos estudos da filosofia da diferença e minha vivência como professora. Ele é um exemplo do diferente e seus desafios no processo de escolarização. Nesta tentativa de corrigir meu irmão existe o diferente e não a diferença em si.

É preciso deixar explícito que a perspectiva do diferente e da diferença não são opostas. Mas são distintas, enquanto o diferente pensa

Alves (2010, p.71) diz sobre a pesquisa nos/dos/com os cotidianos e seus aspectos teórico-epistemológicos: “O primeiro desses aspectos está na importância que, insistentemente, vimos dando aos espaçotempos das práticas, entendendo-as presentes em todos os contextos educativos - dos lugares das políticas oficiais ou para-oficiais de educação aos das práticas pedagógicas cotidianas, passando pelas das práticas políticas coletivas. Articulada com essa posição está a compreensão que, em nenhum caso, existem práticas não articuladas com teorias: parte-se de práticas para formular teorias que só se mantêm quando voltam a se ‘realizar’ em práticas”.

(...) a norma ao mesmo tempo que permite tirar, da exterioridade selvagem os perigosos, os desconhecidos, os bizarros - capturando-os e tornando-os inteligíveis, familiares, acessíveis, controláveis -, ela permite enquadrá-los a uma distância segura a ponto que eles não se incorporem ao mesmo. Isso significa dizer que, ao fazer de um desconhecido um conhecido anormal, a norma faz desse anormal mais um caso seu (VEIGA-NETO, 2001, p.115).

as pessoas por uma classificação identitária, a diferença emerge, é o que acontece e ainda não foi capturada por nenhuma classificação.

Assumir esta postura foi essencial para entender a metodologia desta pesquisa. Deixei a preocupação inicial de tentar buscar falas, posturas e gestos que indicassem traços do diferente, para olhar para minha relação com as pessoas. Como estas relações estariam me afetando, modificando ou incomodando.

Temos que conversar também sobre o diferente na escola, e a maneira como a instituição tem se mobilizado perante a entrada destes que não se enquadram na normatividade da escola. Havíamos dialogado tempos atrás sobre a maneira como a escola inclui o diferente. Geralmente são recebidos como aqueles que tem um “defeito” ou alguém a quem falta alguma coisa, ou precisa ser ajustado para se enquadrar.

Eis que hoje escutei uma conversa corriqueira na sala dos professores no horário do intervalo. Esse é o verdadeiro sabor da experiência, encontrar gostos que podem vir de onde menos se espera, mas que acorda o paladar. Perceba que dessa vez fui apenas ouvinte, não quis me meter em uma conversa corriqueira de duas colegas, queria mesmo era sentir o sabor daquele diálogo.

Aconteceu hoje na escola a festa da família. É um evento promovido anualmente, para promover a aproximação da família a escola. Na abertura deste evento um grupo de dança, cujo nome é Afronte Urbano, composto também por alunos de nossa escola, apresentou lindamente uma coreografia de dança de rua, cheia de malemolência. Para todo lado que se olhava estavam todos vidrados na apresentação repleta de malemolência.

A educação especial conserva para si um olhar iluminista sobre a identidade da alteridade deficiente, isto é, valesse das oposições de normalidade/anormalidade, de racionalidade/irracionalidade e de completude e incompletude como elementos centrais na produção de discursos pedagógicos. Os sujeitos são homogeneizados, infantilizados e, ao mesmo tempo, naturalizados, valendo-se de representações sobre aquilo que está faltando em seus corpos, em suas mentes, em sua linguagem etc (SKLIAR, 2003, p.159).

Houve também outras atividades para promover a interação dos pais, estudantes e funcionários. Mas quero mesmo é contar sobre esses alunos do grupo Afronte Urbano. Quando terminou o evento do dia da família, nós professores e demais funcionários seguimos para a sala dos professores para comer e esperar o horário do término do expediente. Sentada no sofá vermelho, velho e com os braços quebrados, encostado na parede debaixo da janela das salas dos professores ouvi o seguinte diálogo.



Figura 5 – O sofá vermelho.

-Nossa! Esses meninos dançam demais...
colocam todos nós no bolso. hahahaha

- É, mas também só querem saber de dançar. Não estão nem aí para o resto. Acho que não devem nem abrir o caderno.

- Pior que é, viu! Costumam ser os que mais dão trabalho na sala.

-Pois é, sabe o que eu tava pensando?
Esse pessoal que fica envolvido com essas coisas de música, política, grêmio escolar, esses “trem”, são os que têm as piores notas. Nunca vi assim!

- É mesmoo?

- Ééé... Quando estava na supervisão eu via. Não param quietos, não conseguem passar um dia dentro da sala, todos os dias tem que colocar eles pra dentro! Não têm cabeça pra estudar, só têm cabeça pra ficar mexendo com essas coisas que não dão em nada.

Percebe, meu amigo, como a escola enxerga esses alunos que não se enquadram em suas regras? Sabe o que me deixa mais inquieta? É a inexistência ou a raridade do movimento contrário por parte das instituições. No lugar de dizer o que falta aos alunos, a escola não se pergunta o que ela pode fazer para legitimar o conhecimento e o interesse destes. Além disso, atividades no campo das artes, das ciências sociais ou da política são colocadas em um lugar de total desfavorecimento.

Vejo que discutir a posição da escola perante o diferente é essencial, imagino que aí você também deve experienciar situações de conflito quando o assunto é o diferente dentro da escola. Vamos nos falando e dividindo nossas experiências. Forte abraço, Carol.

3.8 Desafios e conquistas da escola perante a diferença

Nossa Carol, lhe garanto que você não é a primeira a ouvir comentários deste tipo. Acho que é mais comum do que imaginamos. Como você mesma já disse em conversas anteriores, temos uma dificuldade imensa em compreender o que foge dos padrões da normalidade.

Acredito sinceramente que o que falta em nossas escolas é uma discussão anterior ao processo de inclusão e aceitação. Precisamos na

E quanto mais a mesmidade olha cegamente somente para si mesma, mais se torna hostil contra esse outro até deixá-lo inerte. E quanto mais a mesmidade escuta surdamente somente a si mesma, mais se torna cruel com esse outro até deixá-lo inerte. E quanto mais a mesmidade se move ritmicamente em torno de si mesma, mais se faz hospitaleira com esse outro até fazê-lo unicamente um hóspede, um hóspede imóvel; um hóspede hostilizado pela norma. A mesmidade que cria com placidez seus monstros e que, ao mesmo tempo, produz os antídotos necessários para matá-los para não vê-los, para ocultá-los (SKLIAR, 2003, p.153).

verdade é realizar debates sobre a construção destes padrões tão naturalizados e enraizados em todos os cantos, não apenas na escola. Acredito que trazer essas questões na tentativa de desnaturalizar as identidades hegemônicas e desconstruir a hierarquia existente entre aqueles ditos normais e outros que faltam algo.

Mas veja, o processo de inclusão escolar é recente, veio mais forte na década de 1990, imagina então propor este diálogo que estamos traçando agora? Acredito que estas questões têm sim que ser colocadas à baila em nossas escolas, mas sabemos o quanto precisamos caminhar.

Infelizmente a inclusão ainda engatinha no campo da aceitação. Aceitar o outro, como se esse outro merecesse apenas nossas condolências por serem pessoas diminuídas. Alunas e alunos que carecem de nossa solidariedade, de nossa compaixão, e não raramente somos surpreendidos por estes. Eles resistem a essa escola que os enxerga como menores, e aí minha cara amiga, a resistência vira potência de criação. Então podemos presenciar situações como a de Rafael que nos deixa perplexos.

Por que ficamos tão atônitos? Por que como você bem me explicou, surge de onde menos esperávamos, a criatividade produto da resistência nos deixa sem resposta. E além de nos deixar sem resposta, aguçando em nós a vontade de entender o diferente e nos faz sentir a diferença.

Carol sou grato à vida por ter nos proporcionado esses encontros, ainda que à distância, bons encontros engradem e transformam os modos de pensar e de existir!

Como opera a tolerância na educação? É certo que somos tolerantes quando admitimos, na escola pública, os filhos das minorias étnicas, linguísticas, religiosas ou outras, ainda que esta aceitação material não suponha reconhecimento simbólico. Porém também somos tolerantes quando naturalizamos os mandatos da competitividade como as únicas formas de integração social, quando fazemos recair no voluntarismo individual toda esperança de bem estar e reconhecimento, quando damos uma piscadela conciliatória a tudo o que emana dos centros de poder, quando não disputamos com os significados que nos conferem identidades terminais. Somos tolerantes quando evitamos examinar os valores que dominam a cultura contemporânea, mas também somos tolerantes quando evitamos polemizar as crenças e prejuízos dos chamados setores subalternos e somos tolerantes quando, a todo custo, evitamos contaminações, mesclas, disputas (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p.136).

3.9 O diferente me interessa

Caro amigo,

muitas vezes enquanto escrevo estas cartas fico pensando as razões que me levaram a estes caminhos, como cheguei a este tema de pesquisa. Penso na influência do meu irmão, penso no senso de solidariedade com o outro, mas acho que o que me levou verdadeiramente ao diferente é minha trajetória.

Durante toda minha vida escolar fui uma aluna muito calada, tímida e estudiosa, quem me vê hoje falando sem parar, brigando pelas causas que acredito, falando em público sem nenhuma vergonha, não consegue acreditar que já fui assim. Mas toda essa timidez me tornava diferente, me sentia diferente dos colegas, enquanto a turma se organizava para sair, ir ao clube, assistir filme, passear na casa dos colegas, eu preferia ir para casa colocar os deveres em dia, fazer os trabalhos, ou estudar para a prova.

Na vida fora da escola a situação se repetia, não me sentia confortável na convivência com meus primos. Parecia que nada do que eles faziam me interessava. As conversas, os amigos, as brincadeiras, tudo me parecia bastante estranho. Não me sentia solitária, tinha bons amigos, os quais permanecem presentes até hoje na minha vida, mesmo que à distância. Mas me sentia um “ponto fora da curva”.

Acredito que me sentir assim explica meu interesse pelo diferente. Apesar de parecer tão normal sempre achei que gostar de estudar e ser mais quieta e calada me diferenciava dos outros. Uma vez fui questionada sobre meu interesse por uma professora do mestrado:

- Mas você, que parece ser tão normal, que não parece faltar nada, não têm deficiência,

se interessa pela diferença. Fico me questionando o por quê deste seu interesse pelo diferente.

Naquela ocasião não respondi, também não tinha essa resposta pronta aqui dentro. Mas refleti bastante sobre essa pergunta, por que isso desperta tanto minha curiosidade? Percebi que a verdade é que nunca me achei pertencente a nenhum grupo, isso me fazia sentir que eu era diferente.

Essa semana vivi uma experiência muito semelhante aos meus tempos de estudante. Tenho o hábito de valorizar o trabalho diário dos alunos durante as aulas, por isso sempre distribuo alguns pontos para os alunos durante os bimestres mediante aos registros e atividades do caderno. E olhando os cadernos dos alunos, chegou em minha mesa um caderno impecável aos olhos de uma professora, o caderno do Davi.

Extremamente organizado, a letra redondinha, tudo separado, com datas, destacado, as atividades completas, um capricho! Meu olhos brilharam! Como professor você deve saber como é difícil encontrar um desses por aí. Fiz um elogio ao Davi e a conversa rendeu.

-Davi, mas que organização! Parabéns!

O sorriso largo, mas um pouco tímido, apareceu no rosto daquele aluno sério e calado.

- Aaahh professora, tem que ser né?

Logo respondi:

-É bom de se ver. Mas você sabe que é difícil encontrar um caderno como o seu? Você gosta de estudar, né?

Neste exato momento o sinal estridente e ensurdecedor da escola tocou anunciando o final da aula. Toda a turma saiu correndo, desesperada. Gritando e rindo alto, como todos os dias.

Com exceção do Davi, que muito tranquilamente foi até sua mesa juntar seu material.

-Gosto sim, estudar é importante. É é... Bastante importante.

Minha curiosidade de professora não resistiu e perguntei:

- Você herdou essa organização e gosto por estudar de alguém de sua família?

Ele ainda sorrindo respondeu:

-HUUUUM. Ah! Acho que não. Lá em casa ninguém é assim não. Só eu mesmo. HAHA...

Neste momento já caminhávamos em direção à porta. E Davi continuou:

- Ô fessôra, eu penso... fico pensando que o melhor é estudar. Fico olhando o pessoal da turma, assim... aah vou cair na bagunça também! Depois eu volto, penso de novo, não vale a pena não. Vale não fessôra. Tá difícil pra todo lado, imagina pra quem não estuda?

Nesse momento Davi acelerou o passo em direção a saída da escola, foi andando e falando:

-Valeu fessôra! Aprendo muita coisa com a senhora! Amanhã a gente conversa. Tenho que pegar o busão. Tchau!

Fiquei pensando depois de ouvir o Davi, a escola tem sim padrões de normalidade enquanto instituição, mas os alunos também tem os padrões deles. Davi não se encaixa nos padrões criados pelos próprios alunos dentro da escola. Às vezes ele pensa em ser como eles, pensa em cair na bagunça e quem sabe fazer parte destes padrões. Davi foge às regras; para os alunos ele é o diferente, ao passo que para os padrões da escola, e também da professora, ele é o estudante perfeito.

Pensar o diferente é mesmo muito complexo. É realmente necessário desnaturalizar essas padronizações, pensar em nosso constante hábito de classificar e separar. Precisamos mesmo discutir a construção das identidades, do estabelecimento de padrões de normalidade. Veja o caso do Davi, sob uma perspectiva Davi está dentro do padrão normal em outra perspectiva ele está fora.

Além do Davi, me lembro perfeitamente de uma aluna, Luana Gomes, que ficou menos de um mês na escola. Luana veio de uma escola particular de Viçosa-MG no início do ano letivo. Ela me contou que a família estava passando por dificuldades financeiras e por isto precisaram colocá-la em uma escola pública. Depois de procurar as opções de escolas na cidade sua mãe escolheu a nossa escola.

Luana é uma menina muito simpática, sorridente e parecia gostar de interagir com os colegas. No entanto, após o início da aula Luana era super concentrada, nem sequer olhava para o lado, me acompanhava o tempo todo nas explicações.

Um dia cheguei em sua sala, cumprimentei toda a turma, e percebi que Luana estava de cabeça baixa, com o rosto coberto. Fui até ela e perguntei se estava tudo bem. Ela levantou a cabeça e pediu para tomar água porque sua cabeça estava doendo muito.

Luana saiu, demorou um pouco, se assentou e foi fazer suas atividades da aula. Ao final da aula, antes de sair para o recreio, enquanto todos os colegas corriam para a fila da merenda, Luana se dirigiu a minha mesa e disse:

-Professora, desculpa por hoje. É que não estou me sentindo muito bem.

Eu a respondi:

-Não precisa se desculpar, é só dor de cabeça mesmo? Ou aconteceu alguma coisa?

E ela com cara de assustada e bastante chorosa disse:

-A verdade professora é que não estou aguentando ficar nessa escola. Os professores são muito bons, eu gosto de verdade de vocês. Mas é que... é... (com uma expressão de tristeza) não dá! Minha cabeça sai daqui todo dia doendo. Os meninos gritam muito (nesse momento Luana caiu no choro), não estou conseguindo estudar direito. E sabe?! O pessoal não gosta de mim, fazem piadas, brincadeiras...

Depois deste desabafo acalmei a aluna, falei que tentaríamos resolver isso. A encaminhei para a sala da supervisão. A supervisora a recebeu, conversou com Luana e decidiu chamar a mãe da menina, já que a aluna reclamava de fortes dores de cabeça.

Me senti péssima depois desse acontecimento! Péssima por não me sentir capaz de controlar a turma, péssima por não ter percebido isso antes e por não conseguir proporcionar àquela aluna um ambiente agradável para estudar. Neste dia, me senti a pior professora do mundo.

Esse foi o último dia de Luana na escola, sua mãe pediu a transferência para outra escola. Na aula seguinte, na ex-turma de Luana, por esquecimento chamei seu nome para a lista de frequência e o que ouvi lá do fundo da sala me deixou ainda mais triste:

-Ah ainda bem que essa menina foi embora, não sei nem o que ela veio fazer aqui.

Esses dois acontecimentos me levaram a

pensar sobre este hábito de avaliar e classificar as pessoas. Não são apenas as instituições, à exemplo da escola, que estimulam a criação de padrões e classificações. Esses episódios me mostraram que por iniciativa própria os alunos se categorizam e excluem os colegas que não se enquadram no padrão da maioria.

Aproveito a oportunidade para falar sobre uma gíria que os meninos utilizam muito entre eles, e expressa esses acordos e regras feitos coletivamente e informalmente. Os meninos se chamam de viado o tempo todo, aliás “viá”abreviando para o “mineirês”. Fiquei curiosa sobre esse hábito e resolvi saber mais, então perguntei a turma o porquê deste hábito. E obtive as seguintes respostas:

-AAAH fessôra, sei lá. Nós chama assim os parceiro.

-Ah, é mania mesmo. Qualquer chegado é viado.

-É fessôra, é tipo assim... você quer falar alguma coisa com um colega aí já grita assim: Ô viada! Bom que já olha todo mundo. HAHHAHA

Para entender melhor continuei a indagar:

-Mas vocês só podem chamar de viado quem é amigo? E se alguém que não é amigo falar “ô viado”, aí não pode? É isso?

E um deles já nervoso respondeu:

-É lógico! Vou aceitar os outros me chamar de viado. É só os parceiro. Ô doido, aí... olha a fêssora, né qualquer um não.

Ficou evidente para mim, depois deste diálogo, a criação de regras e padrões pelos estudantes. Eles possuem seus códigos e decidem

quem participa ou não.

Diante de todos os relatos dessas experiências que fiz até aqui continuo defendendo que a escola deve ultrapassar o limite da discussão do diferente como alguém que merece respeito. Deve, no entanto, propor discussões e proporcionar momentos para que nos questionemos sobre nossa cultura de rejeitar e afastar aqueles que não compreendemos ou que não reconhecemos como semelhantes. Penso que essa rejeição venha do medo do novo ou por não sabermos como controlar.

3.10 Os acontecimentos escapam do nosso controle

Bom dia Carol, sei que esse sentimento de incapacidade às vezes nos entristece, mas não fique assim. Não conseguimos acompanhar de perto tudo o que acontece em sala de aula. Infelizmente temos muitos alunos em uma sala isso dificulta muito nosso trabalho.

Mas por outro lado, veja que as relações entre as pessoas são assim, como você mesma vem dizendo em nossas correspondências, somos formados em uma cultura que classifica e exclui. Isso acontece independente de nossa vontade. Não há como proibir esse comportamento dos alunos, lembra o que me disse sobre a resistência?

Acho que você esteve frente a mais uma forma de resistência dos estudantes. Eles criaram códigos de conduta e pertencimento que escapam do nosso controle. Nem toda potência de criação do ser humano promove bem estar e você sabe disso!

Temos na vida os maus e os bons encontros, não é mesmo? Que podem tanto nos tirar

as forças quanto nos imbuir dela. Em educação temos que tentar sempre promover os bons encontros mas não somos capazes de impedir totalmente os maus encontros. Não temos o controle sobre os outros e às vezes nem de nós mesmos. Deixamos escapar vez ou outra essas lógicas de exclusão que arduamente tentamos desconstruir.

Fique bem minha amiga, em um ano difícil como este para nós da educação precisamos de coragem.

Abrços.

Larrauri (2009, p.34) explica o pensamento de Spinoza sobre o que seriam os maus e bons encontros: “A resposta é que, quando encontro outro corpo que me convém, sei que é bom para mim porque me sinto alegre. Ao contrário, quando encontro um corpo que não me convém, sinto-me triste. A alegria e a tristeza são indicadores primários do trânsito para o aumento ou para a diminuição da potência. Deles derivam os sentimentos de amor e ódio. Amamos o que nos causa alegria e odiamos o que nos causa tristeza”.

4 Equilibrando na corda bamba: me reinventando

Quanto tempo meu amigo! Confesso que os atropelos da escola têm me deixado sem tempo para escrever e também para me dedicar à pesquisa. Depois de tempo de greve tudo fica assim corrido, sem contar com os nervos à flor da pele que demoram um tempo para sossegar.

Concordo com sua posição, a inclusão é recente, temos muitos desafios. E além de ser recente, há os desafios de propor um outro tipo de discussão, aquele que supere a tolerância. Tudo isso combinado com as inconsistências das políticas públicas para a educação. Por mais que saibamos que o valor do que se ensina e o que se aprende esteja nos cotidianos escolares, não podemos fingir que as políticas públicas não afetam muito nossas práticas.

Tenho pensado e cheguei à seguinte conclusão, nos enganamos pensando que a escola está à serviço exclusivo do saber. O que tenho percebido perante ao atual cenário político brasileiro é que a escola tem servido para estratégias econômicas e na corda bamba das políticas públicas dos últimos governos cambaleantes.

Essa incerteza de políticas públicas está presente na escola com as diversas orientações da Secretaria Estadual da Educação, os inúmeros projetos que invadem a escola com o objetivo de abordar a diversidade da escola, ou fazer encontros entre escola e comunidade. Acredito que aí na sua escola vocês também devam ter

Os outros, no entanto, não estão na escola, mas no currículo. Desse modo, o objetivo é ensinar acerca da diversidade cultural e não a educação da alteridade. Os outros estão ao alcance da mão, porém longe, marcados em fotos, pinturas, músicas, teatros, bandeiras, festas escolares etc. O currículo ensina como somos diferentes da alteridade e se esforça em encontrar algumas semelhanças grotescas. Introduzem-se temáticas como racismo, sexismo, rejeição cultural, como se elas fossem, justamente, objeto de consciência abstrata, formas de assombro sobre aquilo que a humanidade é, foi e será capaz de produzir linguística e culturalmente (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p.133).

recebido as propostas, da Semana para Vida, Dia da Consciência Negra, Rodas de Conversa para discutir a Reforma do Ensino Médio, Virada da Educação, sem falar nos projetos internos da escola, feiras de ciência, sociologia, torneio interclasse... Em minha opinião são estratégias pontuais de se fazer outro tipo de escola. Mas no outro dia estamos todos lá novamente dentro do mesmo formato.

Não posso discordar da necessidade de falar sobre estes que não se adequam aos padrões da escola. No entanto, sabe o que me incomoda e parece incomodar meus colegas aqui? A corda bamba em que nos encontramos, tentando nos equilibrar entre o modelo formal da escola e as tentativas pontuais em flexibilizar este modelo. Estamos entre tempos e espaços pré-definidos, currículos e planejamentos rígidos. Isso para não falar das cobranças para conseguir “dar todo conteúdo”, preparar nossos estudantes para as provas externas, preparar para o ENEM. E nos inúmeros projetos que pretendem ser transdisciplinares, em tempos flexíveis, oferecendo um espaço de criação para os estudantes.

Além dessa dualidade, ainda precisamos conviver com a ansiedade de não saber o que irá acontecer com a escola na próxima mudança de governo. Meu querido amigo, não sei se está é sua opinião, porém tenho sentido que o clima que prevalece por aqui é de muita insegurança. E nós professores? Como temos nos virado com isso tudo?

O acesso foi ampliado, os estudantes mudaram, mas o modelo de escola continua o mesmo. Lembra do estudante que falei que vai pra escola para agradar a mãe? Ele é um bom exemplo, está na escola obrigado, não vê nenhum sentido em estar ali, ao mesmo tempo a escola não dá

Oliveira (2004) explica que a escola expandiu o acesso, porém não mudou suas estruturas para atender o diferente que está na escola. Por isso digo que estamos na corda bamba, ora tentando contemplar o diferente, flexibilizando as estratégias de ensino, e logo depois voltando ao mesmo modelo de escola.

Cortesão (2002, p.29) discorre sobre o que ela chama de mal estar, ou seja a insatisfação por parte dos estudantes e também dos professores: É que muitos destes alunos foram socializados noutros valores, de acordo com outras regras, tiveram outro tipo de vivências, têm outros conhecimentos, possuem outros interesses, outras inquietações, outras formas de estar na vida. Obrigados a ir a uma escola que não se obriga a ela própria a mudar para ser capaz de os atrair e de lhes ser útil (p.28)[...]Os professores também se sentem mal, e também se interrogam sobre qual é o seu papel nesta escola. Perderam aquilo que, em tempos, foi um “público garantido”submisso, disponível para aprender o que lhe era exigido (ou para interiorizar, humildemente, que não eram capazes de aprender)[...] (p.29).

conta de ser atraente para este aluno. O que foi oportunizado até hoje é a igualdade de acesso, ofertada com igualdade de propostas pedagógicas. Precisamos propor outras discussões, que coloquem em evidência as diversas formas de ser e existir e as que tornem legítimas dentro da escola.

Nos cotidianos de nossa escola podemos dizer que a matrícula de qualquer estudante é obrigatória, não podemos recusar nenhum estudante. Mas o que ofertamos a ele é o Currículo Básico Comum, ou seja independente das características dos estudantes, o conteúdo e as estratégias pedagógicas serão as mesmas. O que precisamos colocar em discussão em nossas escolas é que não é suficiente dar condições iguais aos diferentes, mas dar as condições adequadas para as singularidades, ou seja precisamos de equidade.

Abrços inquietos! Carol

4.1 Por falar em corda bamba: já vem mais mudanças

Carol, concordo com tudo o que têm dito sobre o momento político e com as consequências para escola. Tenho lido as referências que indica nas suas discussões.

Confesso que hoje estou bastante nervoso com tudo que ouvi na reunião. Já vem mais mudanças por aí! Já chegou até vocês a tal da BNCC? E a Reforma do Ensino Médio? Sabe, o que me incomoda mais uma vez neste novo currículo é a falta de participação dos profissionais da educação. Escrevem o que querem, implantam como querem e na hora que desejam, mas para dizer que foi discutido democraticamente nos

Magalhães e Stoer (2002, p.43) chamam esse mal estar, de crise da escola meritocrática, que já nasceu com um caráter excludente: Esta crise resulta do facto desta escola ter sido desde a sua origem uma escola construída com base na desigualdade. Isto é, a escola meritocrática nunca poderia ser uma “escola para todos”. Porquê? Porque esta escola se homogeneizou com base na exclusão da diferença promovendo simultaneamente uma nova hierarquia social e novas desigualdades.

Dubet (2004, p.540) nos ajuda a entender que a igualdade na escola não significa que todos terão suas singularidades contempladas. “O que chamamos de escola justa, na verdade pode acentuar as desigualdades. Portanto, não basta dar condições iguais, é preciso dar condições adequadas aos diferentes, isso é a equidade. E indica que uma escola preocupada com as singularidades deve ousar: “Assim, uma meritocracia escolar justa não garante a diminuição das desigualdades; a preocupação com a integração social dos alunos tem grande probabilidade de confirmar seu destino social; a busca de um mínimo comum arrisca-se a limitar a expressão de talentos; uma escola preocupada com a singularidade dos indivíduos age contra a cultura comum que uma escola deve transmitir e que também é uma forma de justiça...”

colocam para ler o que já está pronto. E quem sabe sugerir alguma mudança em um ponto e outro.

E o que você disse na carta anterior é triste, mas é verdade, na próxima mudança de governo muda tudo. E nós mais uma vez ficamos a mercê das vontades de outros, que, aqui entre nós, falam de educação mas nunca pisaram em uma escola pública.

A escola ainda tem dificuldades de extrapolar o currículo básico, somos engessados pelas provas institucionais, pelas orientações da secretaria de educação, pela dificuldade em explorar outros tempos e espaços. Afinal, na maioria das escolas alunos nos pátios não pode ser significado de aprendizagem. É só desordem mesmo, fazem muito barulho e atrapalham o trabalho das pessoas.

Ainda estamos nos tempos que diversão não combina com aprendizagem. Em nossas conversas anteriores você deu um exemplo de qual é a opinião sobre os alunos que dançam, cantam, debatem, brincam... Muitos ainda pensam que só é possível aprender atrás da carteira, em silêncio absoluto. E que o professor que permite essas manifestações de alegria não tem controle sobre a turma.

Se ainda passamos por julgamentos como estes, tenho a impressão que ousar em estratégias pedagógicas pode ser perigoso. Veja o movimento da escola sem partido! Colocam nossas tentativas de discutir as diversas formas de existir como doutrinação partidária. Nos colocam como defensores de um partido, e não como defensores de uma escola e sociedade que legitime as singularidades humanas. Parece que lutar por questões humanas não é mais dever de todos enquanto seres humanos, mas um estigma político, uma

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. São enriquecedoras, nos fazem pensar em uma escala macro de como tudo é montado e cai no nosso colo e no final temos que dar conta (BRASIL, 2018).

Skliar (2003, p.201) faz uma crítica ao que chama de pedagogia do outro que deve ser apagado: “E a pedagogia do outro que deve ser apagado está cimentada sobre dois princípios pedagógicos tão austeros quanto inexpugnáveis: (a) está mal ser aquilo que se é e/ou se está sendo; (b) está bem ser aquilo que não se é, que não se está sendo e que nunca se poderá - ou terá vontade de - ser”.

ideologia de esquerda.

Carol, tenho grande interesse em sua pesquisa, no tema do diferente e da diferença, mas pelo rumo que as coisas estão caminhando temo que iremos regredir para o tempo que não havia nem mesmo tolerância ao diferente.

Hoje estou cansado e desanimado... fico por aqui para não contagiar mais ninguém! Abraços

4.2 Nervos a flor da pele: incertezas de um ano atípico

Meu amigo, não é só você que tem se sentido nervoso. Aqui o clima não está nada legal. Todas essas mudanças, o constante estado de greve, tem deixado as professoras e professores em constante estresse. Vivemos em tempos de bastante instabilidade política no país e já sabemos que no próximo ano tudo muda de novo.

Ontem tivemos uma reunião administrativa bastante difícil, muitas discussões e acusações entre professores que fizeram e os que não fizeram greve. Acho importante falarmos disso, já percebeu o quanto o clima entre os profissionais da escola altera nossas práticas em sala de aula?

Aproveito para acrescentar aqui sobre o engessamento que você apontou. Por aqui estamos em debate sobre a autonomia do professor em decidir como e quando avaliar seus alunos. O impasse acontece pois o regimento da escola nos obriga a aplicarmos uma avaliação bimestral, dissertativa, que geralmente é individual, em um calendário previamente organizado pela supervisão pedagógica da escola.

Essa avaliação precisa ter o valor fixo de

A pretexto de “construir uma sociedade mais justa” ou de “combater o preconceito”, professores de todos os níveis vêm utilizando o tempo precioso de suas aulas para “fazer a cabeça” dos alunos sobre questões de natureza político-partidária, ideológica e moral. Que fazer para coibir esse abuso intolerável da liberdade de ensinar, que se desenvolve no segredo das salas de aula, e tem como vítimas indivíduos vulneráveis em processo de formação?

Nada mais simples: basta informar e educar os alunos sobre o direito que eles têm de não ser doutrinados por seus professores; basta informar e educar os professores sobre os limites éticos e jurídicos da sua liberdade de ensinar (ESCOLA-SEM-PARTIDO, 2018).

A greve dos professores da rede estadual de Minas Gerais do ano de 2018 começou por uma luta pela garantia do pagamento do piso salarial nacional dos professores. E aos poucos foi mudando sua bandeira de luta à medida que o caos financeiro do estado de Minas Gerais levava aos atrasos e parcelamentos dos pagamentos dos servidores da educação. A situação se agravou e a greve ganhou força, quando o então governador Fernando Pimentel segregou os trabalhadores da educação, pagando os salários do restante do funcionalismo do estado de Minas e deixando professoras e professores ativos e inativos sem o recebimento dos seus proventos.

dez pontos em cada bimestre. Dividimos o ano letivo em quatro bimestres com vinte e cinco pontos cada um. O regimento ainda diz que essa prova deve conter dez questões, sendo seis questões de múltipla escolha e quatro questões discursivas.

Sobre os demais pontos a serem distribuídos em um bimestre, o regimento sugere que cinco pontos podem ser distribuídos em conceito, pelo comportamento e participação do aluno, e dez pontos em trabalhos de livre escolha do professor. E acrescenta que nenhuma atividade deve superar quinze pontos em nenhuma hipótese. Segue um trecho do regimento que versa sobre essa divisão:

Essas determinações não são consenso entre os professores e renderam muitas discussões na última reunião administrativa/pedagógica. Nossas supervisoras cobraram dos professores que cumpram o regimento e vários professores questionaram, alegando que precisamos ter autonomia para avaliar nossas turmas. Uma colega se levantou e disse:

- E a autonomia do professor como fica? Está na LDB que tem que respeitar a autonomia do professor.

A supervisora prontamente rebateu:

- Mas a LDB diz que temos que respeitar o Regimento Escolar, que vocês próprios votaram.

E a discussão continuou:

- Sim, mas esse regimento é antigo. Vocês disseram que iriam reformular ele esse ano, mas começaram e pararam. Falaram em uma reunião e ninguém mais disse nada.

Então a outra supervisora justificou:

Veja o trecho do Regimento: Art 135 - No Ensino Fundamental e Médio, ao final de cada ano, o aluno será aprovado se obtiver o mínimo de 60 (sessenta) por cento dos pontos assim distribuídos:

-Primeiro Bimestre: 25(vinte e cinco) pontos

-Segundo Bimestre: 25(vinte e cinco) pontos

-Terceiro Bimestre: 25(vinte e cinco) pontos

-Quarto Bimestre: 25(vinte e cinco) pontos

§ 1º Os critérios de avaliação irão abordar 40% (quarenta por cento) de avaliação, 20% (vinte por cento) de participação nas atividades escolares e 40% (quarenta por cento) a critério dos professores.

-Vamos voltar no regimento depois. Deixamos o regimento de lado por enquanto porque chegaram muitas demandas da superintendência. Eles pediram urgência. Porque funciona assim, eles mandam o negócio hoje pra responder pra ontem.

Por que estou lhe contando isso tudo? Porque nesses momentos me coloco a pensar, como colocar em pauta discussões sobre o diferente na escola, se ainda estamos discutindo sobre a autonomia do professor em avaliar seus alunos? Não temos tempo nem oportunidade. Como disse a supervisora as coisas da superintendência são muito urgentes.

Abraços. Carol

4.3 Equilibristas profissionais: vários objetivos e um só plano

Boa tarde Carol, acabei de chegar da escola. Mas essa discussão é antiga não é mesmo?! Acho sinceramente que perdemos bastante tempo discutindo questões que já deveriam ter sido resolvidas na educação.

Ao meu ponto de vista é uma bobagem colocar tantas regras assim sobre as forma de avaliação de um professor. Falo isso porque sabemos muito bem que cada professor tem um ritmo de trabalho, cada turma tem um ritmo de aprendizagem. Além de nossas preferências não é mesmo? Alguns são melhores escrevendo, outros falando, outros fascinantes nas artes, desenho, cinema, música. Temos tantas opções para avaliar o processo de ensino/aprendizagem.

Por que ainda temos que nos desgastar discutindo sobre valor e número de questões da prova? Escola tem dessas coisas, olha aí nossa

Em oposição a esse pedagogia, ao currículo rígido, a naturalização das normas, Skliar (2003, p.200) propõe: “Uma pedagogia da perplexidade que seja um assombro permanente e cujos resplendores nos impeçam de capturar a compreensão ordenada de tudo o que ocorre ao redor. E que desordene a ordem, a coerência, toda pretensão de significados. E que possibilite a indeterminação, a multiplicação e a babelização de todas as palavras, a pluralidade de todo o outro. E que desmintam o passado unicamente nostálgico, somente utópico, absurdamente elegíaco”.

mania de padronizar tudo para manter as coisas sob o controle... nessa tentativa de tornar homogêneo, esquecemos das singularidades. Esse nosso hábito de padronizar, classificar e hierarquizar parece que está em tudo.

E ainda temos que considerar que, ao dar preferência em todos os bimestres por uma prova dissertativa, estamos priorizando alguns alunos e deixando outros de lado. E depois nos questionamos no final do ano, por que a turma foi mal.

Aqueles alunos que escrevem bem, que têm facilidade de ler e interpretar, com certeza irão se destacar. Mas esquecemos do direito dos outros em apresentar e exercitar o que sabem de outras maneiras. Nossa sociedade só valoriza o que está escrito, apenas aquilo que é documento é que pode ser avaliado.

E veja, concordo com sua colega, onde está o direito de autonomia do professor? Estudamos para isso, somos responsáveis enquanto profissionais, somos nós que conduzimos nossas salas de aula, deveria ser creditado a nós o direito inquestionável de decidir como e quando avaliar o ensino aprendizagem.

Por falar nessa prioridade pela escrita, temos que avaliar também que não se trata apenas de habilidades com escrita ou não. Precisamos levar em consideração a diversidade de objetivos e expectativas que os estudantes têm perante a educação.

Pense no exemplo do seu aluno que trabalha e está na escola apenas para ter o diploma e agradar a mãe. A escrita é importante para ele mas não é tudo! Assim como ele, existem vários outros com os mais diferentes objetivos. Será que restringir desse modo as avaliações é a

Larrosa (2017, p.160) fala sobre a pedagogia comprometida com pluralidade humana: “Um logos pedagógico que não é o instrumento para a transmissão de verdades teóricas ou morais nem a projeção, sobre o outro, de um projeto explícito de como deveria ser, em quem deveria acreditar e como deveria se comportar, mas sim a interrupção constante de toda pretensão de imposição da verdade e a suspensão permanente de toda tentativa de fixação de um projeto.”

melhor alternativa? Eu acredito que não.

São muitos os desafios para o diferente na escola, a avaliação é com certeza um deles. Em cada conversa percebemos um desafio diferente, por isso é bom conversar.

Abraços

4.4 Pensando possibilidades: treinando o equilíbrio

Carol, escrevo novamente para compartilhar algumas reflexões que tenho feito. Você tem me incentivado voltar a estudar. Somos especialistas na arte do equilíbrio, não é mesmo? Nos desviamos de tentativas sucessivas de desqualificar as nossas escolas, provamos o contrário. Damos o melhor de nós em nossas aulas, em nossas práticas.

Ainda temos que saber jogar com essas políticas, com os engessamentos, com falta de investimento, aqui já estamos sem papel, e o gás para a merenda só tem mais um pouquinho que foi doado à escola. Além dos problemas no trabalho temos que fazer arte com o salário que não chega, ou chega atrasado e parcelado.

Sei também que não podemos nos conformar e dizer que é assim e pronto! Gosto de pensar no aqui e agora, o que posso fazer com isso tudo? Como posso contribuir com meu fazer. E também procurei informações, já ouviu algo a respeito dos currículos praticados? Creio que esta maneira de pensar a escola pode diminuir nossas angústias.

É inegável que todas essas políticas afetam nossos cotidianos escolares, mas também penso em estratégias para não desistir e abandonar a educação. Apesar de estarmos tão entris-

Oliveira (2003) explica o que são estes currículos praticados: “Assim, nas nossas atividades cotidianas, os currículos que criamos misturam os elementos das propostas formais e organizadas com as possibilidades que temos de implantá-las. Por sua vez, essas possibilidades se relacionam com aquilo que sabemos e em quem acreditamos ao mesmo tempo que são definidas na dinâmica de cada turma, dos saberes dos alunos, das circunstâncias de cada dia de trabalho. Ou seja, cada conteúdo de ensino, mesmo que repetidamente ensinado ano após ano, em turma após turma, vai ser trabalhado diferentemente por professores diferentes, em turmas diferentes, em situações diferentes. É nesse sentido que entendemos as práticas curriculares cotidianas, como associadas, sempre, às possibilidades daqueles que as fazem e às circunstâncias nas quais estes estão envolvidos”.

tecidos e desmotivados, penso que essa causa é nossa. Estamos falando do nosso trabalho, do nosso sustento e por consequência de nossas vidas. Já que estamos nessa, por que não procurar maneiras de tornar nosso trabalho melhor e agradável?

Pensar nos currículos praticados é colocar em evidência os nossos cotidianos; são os saberes que construímos juntos com os alunos, mas que não estão registrados em livros e não têm lugar no campo científico.

Sabe aquela inventividade que aparece para explicar um conteúdo? E aquele assunto que é colocado em discussão, e que não é tema da aula, mas não pode ser ignorado? Até mesmo o modo de se relacionar com os alunos e com os demais praticantes do cotidiano é currículo praticado, não foi planejada por alguma instituição, ou veio como obrigação. Não é hegemônica, não tem dono, é criação coletiva!

Espero poder ajudar em algum aspecto, na sua pesquisa ou na nossa busca de recuperar nossas forças e nossa autoestima.

Abraços.

4.5 As vezes caímos da corda

Boa noite meu amigo, gostei muito de tomar conhecimento desse currículo praticado, enfim alguém do meio acadêmico resolveu nomear e discutir o que fazemos a tanto tempo em nossas escolas. Sem dúvida pensar nas nossas criações cotidianas ajuda bastante a recuperar a autoestima e o ânimo. Estava mesmo precisando saber disso! Os últimos acontecimentos aqui não estão nada animadores.

Mesmo depois de outro dia cansativo e

sabendo que tenho outro dia cansativo amanhã, não sei como vocês estão fazendo aí, mas com as reposições de aulas do período da greve estamos trabalhando muito. Há dias que tenho que dar doze aulas, sem contar que todos os sábados estamos na escola.

Além do cansaço hoje escrevo para dizer do desânimo generalizado que tem tomado conta da escola. Salários atrasados, falta de materiais, brigas entre colegas grevistas e não grevistas, trabalho em excesso, além dos desgastes corriqueiros de convivência.

Estou contando isso pois estou muito triste com o pedido de exoneração de uma colega. Aliás esta é a segunda professora que pede exoneração do cargo este ano aqui na escola. A justificativa de ambas é que estão ficando doentes na escola estadual. Ressalto isso pois ambas também são professoras da rede municipal de educação e dizem que lá é melhor para trabalhar.

A última professora que pediu exoneração me disse a seguinte frase antes de ir:

- Não tenho estômago para isso aqui! Essa escola já foi a melhor escola de Viçosa. É um absurdo o que está acontecendo.

E qual a relação disso tudo com a minha pesquisa? Acredito que total relação, pesquiso os cotidianos que pratico com os demais todos os dias, e todos esses problemas que acontecem, ainda que fora da sala de aula, me atravessam de tal forma que transformam minhas práticas.

Não consigo ser alheia a tudo isso ou simplesmente entrar para a sala de aula e fingir que nada está acontecendo. Eu percebo o meu cansaço, o cansaço dos colegas. Percebo também o desânimo nos olhares. Vejo a aflição e o nervosismo de quem está lá todos os dias trabalhando

sem saber se conseguirá quitar todas as dívidas geradas pelo atraso nos pagamentos. Percebo a indignação de vários com as políticas públicas que nos ignoram enquanto profissionais.

Por isso, meu amigo, repito que a educação acontece nos cotidianos, nos currículos praticados, na vontade de aprender e ensinar, mas o desgoverno em relação à educação nos coloca o tempo todo na corda bamba.

Estar na corda bamba é estar sempre tenso com o próximo segundo. É mais que isso, é ter que improvisar movimentos sem parar para não cair, é não saber se conseguirá atravessar sem cair. Não é fácil estar na corda bamba e ser responsável por não deixar cair o direito de várias pessoas de aprender.

É com uma mistura de alegria e nostalgia que preciso dizer também que meu tempo de pesquisa no mestrado acabou. A escola não para, os acontecimentos não cessam, a diferença emerge, a vida pulsa, as existências se reinventam. Mas há um tempo para fechar os ciclos e cumprir com o que me propus. Esse tempo chegou ao fim. A curiosidade não! Não se espante se daqui a um tempo lhe disser que estou experienciando outros cotidianos.

Mas isso não significa que iremos parar de nos corresponder, esses momentos têm me ajudado muito a seguir em frente, ainda que os cotidianos estejam pesados demais. Em outra oportunidade quero conversar mais com você sobre os movimentos dos professores diante esse período tão difícil para nós.

Muito obrigada pelas trocas, pela cumplicidade e disposição! Até a próxima a carta.

Abraços felizes!

4.6 O encerramento de um ciclo nunca é o fim

Boa noite Carol,

fiquei muito feliz com a notícia do término de sua dissertação. E já aviso não quero mesmo me deixar de corresponder com você. Já falamos sobre isso em outras cartas, sinto que o trabalho do professor é muito solitário quando tratamos de diálogos entre nós.

Temos que fechar ciclos para iniciar outros e assim vamos construindo nossa vida. Quero lhe dizer que foi muito gratificante participar destas discussões aprender com você no percurso dessa pesquisa, e também contribuir com o que sei.

Quando sua dissertação estiver pronta me envie, quero ler e compartilhar com nossos colegas, quem sabe assim não trazemos para a discussão a alteridade, o outro em si mesmo, a crítica a naturalização dos padrões e também desta pedagogia.

Não demore a escrever novamente! Abraços!

5 Aprendendo a me equilibrar

Durante este tempo de pesquisa senti a escola de um modo diferente, talvez mais intenso pois parei para experimentar situações que antes passavam despercebidas na correria da escola. É interessante como fiquei mais sensível às conversas, mais atenta aos fatos, mais questionadora das situações. Acredito que seja isso pesquisar nos/dos/com os cotidianos, um mergulho com todos os sentidos.

Por falar em tempo, o período proposto na metodologia no início desta dissertação foi alterado, precisei de mais tempo para viver essas experiências, e para conseguir entender e me envolver em uma pesquisa com os cotidianos escolares. Todos os episódios narrados aconteceram em um período de quatro meses, não mais em um mês como o previsto. Precisei deste tempo para entender e conseguir sentir e viver uma pesquisa com os cotidianos.

Nesta experiência como pesquisadora pensei de que modo essa pesquisa iria trazer benefícios à educação. Em certos momentos me vi completamente frustrada, por pensar que as pesquisas em educação são guardadas na gaveta. E que a diretriz para as reformas que estamos vendo por aí é econômica. Para mim isso é muito frustrante!

Por outro lado o que não me deixou desistir, foi pensar nos meus alunos e colegas. Narrar a escola, fazendo parte dela com certeza me trouxe muitos benefícios. Escrevi toda a dissertação com as emoções que senti nos cotidianos da

Alves (2010, p.74) afirma que nas pesquisas cotidianos é preciso de tempo para ouvir: “São todos aqueles praticantes com que nos ‘conectamos’ para saber de suas práticas e das ideias que formularam ao agir. Isso significa que temos que lhes dedicar tempo para ouvi-los, escutando as memórias que têm sobre acontecimentos e pessoas que deles participaram e, também, para vê-los agir, discutindo o que fazem e o que pensam”.

escola. Sou parte dela, não sinto sentimento do outro. Não descrevo os cotidianos de outros, não denuncio os problemas de outros, não expresso as angústias de outros. Falo sobre nós, praticantes dos cotidianos dessa escola. E para mim o mais importante foi descobrir que se tratando da filosofia da diferença o que importa de verdade é propor novos discursos. É primeiro se propor a pensar e fazer com os cotidianos escolares uma outra forma de encarar a diferença.

Os desafios foram imensos, estar ligada à escola em dois aspectos foi em certos momentos um problema. A pesquisa me tornou mais sensível à escola e essa sensibilidade algumas vezes me afastou da pesquisa.

Por estar mais atenta e experimentar com vontade esses cotidianos me envolvi em várias causas, discussões, problemas, militâncias. Se tornou cada vez mais urgente em mim a vontade de me envolver.

Senti mais a dor do outro, ouvi mais os diálogos, me comovi mais com os problemas do dia a dia, briguei mais pelas causas que acreditava. Nunca me senti tão próxima dessa escola como me sinto agora.

Esse envolvimento me afastou da escrita por diversas vezes, pois as urgências do dia a dia eram para ontem. As narrativas tiveram que esperar. Durante esse tempo assumi o comando de greve da escola, me filiei ao sindicato, fui às ruas lutar por nossos direitos. Fiquei cansada, desanimada e doente. Poderia ter contado mais sobre essa luta travada, sobre as dificuldades que encontrei neste ano, mas não o fiz por dois motivos. Primeiro por querer dar centralidade aos acontecimentos com os alunos. Depois por ainda estar muito triste e indignada com tudo que estamos vivendo. Preciso dissipar a raiva

para refletir melhor sobre tudo o que está acontecendo.

Precisei me afastar por uns tempos da escola, foram quinze dias e muitos meses de tratamento e remédio. Se envolver é arriscado, mergulhar nesses cotidianos não foi nada fácil. Mergulhar com todos os sentidos é tarefa para os fortes!

Hoje me sinto mais forte, superei a tristeza, voltei à escola, continuo lutando por tudo que acredito para construir a educação e finalmente termino a escrita desta dissertação.

Esta pesquisa traz além do título de mestre, a vontade de continuar, o envolvimento e o sentimento de pertencimento. Eu faço parte desta escola e posso construir junto com os outros. Trouxe também a oportunidade de viver experiências e conhecer histórias e pessoas.

Entre todos os aprendizados que estas experiências me proporcionaram está a convicção que ser humano é ser diferente, que por mais normal e dentro dos padrões que alguém pareça ser, há em cada um algo que nos difere. O diferente não é o problema. O problema consiste em criar identidades que dividem. Essas que naturalizam padrões, e criam em nosso pensamento a ideia de uma única forma certa de existir.

Estamos demasiadamente mergulhados nessa lógica de padrões do que é norma e anormal. Isso já faz parte de quem somos, não são apenas as instituições sociais que criam e recriam essas normalidades. Fazemos isso sem pensar, sem perceber, não nos damos conta do quanto estamos dominados por estas lógicas.

Por isso acredito na importância de pesquisas como estas que mostrem acontecimentos em que as classificações estejam por toda

parte, não apenas institucionalmente. E além de mostrar que coloquemos em discussão esses mecanismos, que façamos o exercício de nos questionar a cerca dos nossos hábitos de padronizar, classificar e hierarquizar sem perceber. Acredito que pesquisas com o diferente e a diferença sirvam sobretudo para tentar desnaturalizar as identidades padrão.

Discutir a diferença foi para mim um desafio ainda mais ousado. Pois a diferença não pode ser apreendida, o que a torna um movimento sem lei, sem previsão. A diferença é, pois ela existe no presente, não foi capturada e também não poderá ser prevista. Ela simplesmente acontece e não pode ser comparada. Não foi classificada, hierarquizada, padronizada. E acredito que é por isto que nos tira do eixo, nos deixa sem chão como me deixou nesta pesquisa. A diferença desafia nossa lógica padronizadora, e por isto nos deixa sem resposta!

A escola enquanto instituição social criada sob os padrões e classificações, é local em que o conflito entre os diferentes não cessa. São conflitos de diversas ordens: entre os diferentes, entre os normais e anormais, entre os diferente e a instituição. E os diferentes resistem, recriando formas de viver e driblar aquilo que os tenta prender.

Por ser a escola pública uma instituição que depende das políticas públicas e sofre reflexos destas, nós praticantes do cotidiano escolar temos colhido frutos amargos da falta de compromisso dos governos em manter políticas duradouras e coerentes com as demandas de uma educação pública de qualidade. Esse descaso é percebido entre nós pelos adoecimentos, as desistências e os conflitos que tornam os cotidianos escolares mais duros e cansativos.

Seguindo estes cotidianos percebi também que infelizmente a escola tem servido para perpetuar a opressão ao diferente, a abafar e esconder a diferença, ainda que levante a bandeira da inclusão. Essa situação é reflexo do que falta em nós, praticantes dos cotidianos da escola, o exercício de uma nova forma de pensar. Tentando desvencilhar da lógica na qual fomos acostumados a reconhecer como correto.

Acredito que cabe a nós colocarmos em debate a padronização, a classificação, a hierarquização, a rejeição do desconhecido, a identidade normal. É esta a maior contribuição deste trabalho, dialogar com as narrativas destes cotidianos a fim de evidenciar essas práticas padronizadoras e fazer um convite para que se deixe de olhar apenas para o que falta e que se comece a olhar para a invenção das ausências. Trazer para a discussão nossos modos de ser e pensar aos quais quase nunca criticamos.

Nós professoras e professores sabemos que em nossos cotidianos escolares as críticas são tecidas aos que não se enquadram em nossas normas e em raras exceções criticamos estes padrões.

Assim como não criticamos a sociedade moderna, o currículo, o modelo ensino-aprendizagem e tantos outros fatos que encerram a educação em um modelo de ensino para a normalidade. Há também pouco espaço para criticar as leis e diretrizes que nos são impostas. O sentimento que temos é que estamos enclausurados e obrigados a executar orientações que abominamos.

Essa clausura, tem nos levado ao adoecimento. Escrever essa dissertação me trouxe um novo fôlego e boas ideias. Como sempre não posso deixar de ser resistência. E resistir nesse caso é insistir em outras discussões acerca da

diferença, para uma pedagogia improvável, para práticas que libertem e façam convites aqueles que se interessarem.

Referências

ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, R. L. (Org.). *Diálogos Cotidianos*. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2010. Citado 4 vezes nas páginas 3, 18, 36 e 62.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Citado na página 23.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. [S.l.: s.n.], 1994. Citado 2 vezes nas páginas 8 e 9.

BRASIL. *Lei nº 9.394*: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm>. Acesso em: 31 de maio de 2018. Citado na página 10.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_ELEF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2018. Citado na página 52.

CORTESÃO, L. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?* São Paulo: Editora Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. Coleção perspectiva; 6. Citado na página 50.

DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: 34, 1992. Citado na página 30.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. [S.l.]: Relógio D'água, 2000. Citado na página 31.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* [S.l.]: 34, 1992. Citado na página 19.

DUBET, F. O que é uma escola justa. v. 34, n. 123, p. 539–555, set/dez 2004. Citado na página 51.

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros. narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. Citado 3 vezes nas páginas 24, 40 e 49.

- ESCOLA-SEM-PARTIDO. 2018. Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org>>. Citado na página 53.
- FOUCAULT, M. Os anormais. In: *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Citado na página 31.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 28. ed. [S.l.]: Paz e Terra, 2014. Citado na página 20.
- FOUCAULT, M. *A história da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6^a. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Citado na página 5.
- FREIRE, P. Carta de paulo freire aos professores. v. 15, n. 42, p. 259–268, Maio-Agosto 2001. Citado na página 2.
- GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: GARCIA, R. L. (Org.). *Diálogos Cotidianos*. Petrópolis,RJ: DP et Alli, 2010. Citado 3 vezes nas páginas 33, 34 e 35.
- GALLO, S.; ASPIS, R. L. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. *Pro-Posições*, UNICAMP-Faculdade de Educação, 2010. Citado na página 29.
- GARCIA, R. L. *Cartas Londrinhas: e de outros lugares sobre o lugar da educação*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995. Citado na página 1.
- LARRAURI, M. *A felicidade segundo Spinoza*. São Paulo: Ciranda cultural, 2009. Citado na página 48.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: AND, J. W. G. C. A. (Orgs.). *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Citado na página 12.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascarados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Citado na página 56.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Citado na página 22.
- MACIEL-JR, A. Resistência e prática de si em foucault. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, Universidade Veiga Almeida, v. 6, n. 1, p. 01–08, 2014. Citado na página 28.
- MAGALHÃES, A. M.; STOER, S. R. *A escola para todos e a excelência acadêmica*. São Paulo: Editora Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. Coleção perspectiva; 8. Citado na página 51.

- MINAS-GERAIS, S. de Educação de. *Superintendências Regionais de Ensino - SREs*. 2004. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/leis/story/971-encontro-apresenta-diretrizes-do-projeto-escolas-referencia>>. Acesso em: 01 de junho de 2018. Citado na página 16.
- MINAS-GERAIS, S. de Educação de. *Superintendências Regionais de Ensino - SREs*. 2008. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/sobre/mapa-do-site/servicos-18/superintendencias-regionais-de-ensino>>. Acesso em: 31 de maio de 2018. Citado na página 6.
- OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educ.Soc.*, v. 25, n. 89, p. 1127–1144, 2004. Citado 3 vezes nas páginas 8, 16 e 50.
- OLIVEIRA, I. B. de. Currículos praticados: regulações e emancipação no cotidiano escolar. 2003. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/inesbarbosadeoliveira.pdf>>. Acesso em: 29 de setembro de 2018. Citado na página 57.
- OLIVEIRA, I. B. de; GERALDI, J. W. Narrativas outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. B. de (Org.). *Narrativas: Outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis: Vozes, 2010. Citado na página 11.
- RAMOS, F. R. O.; HEINSFELD, B. D. de S. S. Reforma do ensino médio de 2017 (lei nº 13.415/2017): um estímulo à visão utilitarista do conhecimento. p. 18284–18300, agosto 2017. Citado na página 11.
- SHELLEY, M. W. *Frankenstein*. [S.l.]: Intervisual Books, 1818. Citado na página 2.
- SILVA, T. T. da. Identidade e diferença: impertinências. *Educação e Sociedade*, n. 79, p. 65–66, 2002. Citado na página 24.
- SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Citado na página 23.
- SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Citado 5 vezes nas páginas 30, 37, 39, 52 e 55.
- SOUZA, K. F. de. *A Lei Complementar nº 100: sua inconstitucionalidade e repercussão no funcionalismo público de minas gerais*. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/36231/a-lei-complementar-n-100-sua-inconstitucionalidade-e-repercussao-no-funcionalismo-publico-de-minas-gerais>>. Acesso em: 01 de junho de 2018. Citado na página 7.

TARDE, G. *Monadologia e Sociologia: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Citado na página 32.

TRAVITZKI, R. *O mito de que a palavra "aluno" significa "sem luz"*. 2009. Disponível em: <<http://www.rizomas.net/filosofia/principios-filosoficos/213-o-mito-de-que-a-palavra-qalunoq-significa-qsem-luzq.html>>. Acesso em: 31 de maio de 2018. Citado na página 10.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. Citado na página 36.